



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

HELIO SAMUEL DE MEDEIROS

**A CONSTRUÇÃO DO “TIO MARCOS” NO CONTEXTO DA FESTA DA PAZ E DA
FRATERNIDADE: MEMÓRIAS, NARRATIVAS E RELIGIOSIDADES EM SÃO
PEDRO DE ALCÂNTARA (SC)**

Florianópolis/SC, junho de 2019.

HELIO SAMUEL DE MEDEIROS

A CONSTRUÇÃO DO “TIO MARCOS” NO CONTEXTO DA FESTA DA PAZ E DA FRATERNIDADE: MEMÓRIAS, NARRATIVAS E RELIGIOSIDADES EM SÃO PEDRO DE ALCÂNTARA (SC)

Trabalho de Conclusão de Curso elaborado como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em História pela Universidade Federal de Santa Catarina.

Orientadora: Prof^a. Dra. Mônica Martins da Silva.

Florianópolis/SC, junho de 2019.

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Medeiros, Helio Samuel de
A construção do "Tio Marcos" no contexto da Festa da Paz
e Fraternidade : memória, narrativas e religiosidades em
São Pedro de Alcântara (SC) / Helio Samuel de Medeiros ;
orientador, Mônica Martins da Silva, 2019.
85 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Filosofia e Ciências Humanas, Graduação em História,
Florianópolis, 2019.

Inclui referências.

1. História. 2. Tio Marcos. 3. Festa da Paz e
Fraternidade. 4. Frei Ático. 5. São Pedro de Alcântara. I.
Silva, Mônica Martins da . II. Universidade Federal de
Santa Catarina. Graduação em História. III. Título.



Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Curso de Graduação em História

ATA DE DEFESA DE TCC

Aos cinco dias do mês de julho do ano de dois mil e dezenove , às 14 horas e 00 minutos, na Sala de Reuniões do CED- Bloco B, reuniu-se a Banca Examinadora composta pelos seguintes membros, Profª. Drª: Mônica Martins da Silva (Orientador(a) e Presidente); Profª. Drª: Claricia Otto (Titular); Ms Jaime José Santos Silva (Suplente), designados pela Portaria Tcc nº 68/HST/CFH/2019, a fim de arguirm sobre o Trabalho de Conclusão de Curso do Acadêmico Helio Samuel de Medeiros, intitulado: **"A CONSTRUÇÃO DO "TIO MARCOS" NO CONTEXTO DA FESTA DA PAZ E DA FRATERNIDADE : MEMÓRIAS, NARRATIVAS E RELIGIOSIDADES EM SÃO PEDRO DE ALCÂNTARA (SC)"**. Aberta a Sessão pelo(a) Senhor(a) Presidente, o Acadêmico expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, o mesmo foi arguido pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas, pelos membros da banca as seguintes notas, Profª. Drª: Mônica Martins da Silva, nota 10,0, Profª. Drª: Claricia Otto, nota 10,0, Ms Jaime José Santos Silva, nota 10,0, sendo o acadêmico aprovado com a nota final 10,0. O acadêmico deverá entregar na Coordenadoria do Curso de Graduação em História em versão digital, o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, até o dia 10 de julho de 2019. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pelo candidato.

Florianópolis, 05 de julho de 2019

Profª. Drª: Mônica Martins da Silva (Orientador(a))

Profª. Drª: Claricia Otto (Titular)

Ms Jaime José Santos Silva (Suplente)

Helio Samuel de Medeiros (Acadêmico)



Scanned with
CamScanner



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
Campus Universitário Trindade
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina
FONE (048) 3721-9249 - FAX: (048) 3721-9359

Atesto que o
acadêmico(a) Hélio Samuel de Medeiros, matrícula
n.º 08161019, entregou a versão final de seu TCC cujo título é
A construção do "tio Marcos" no contexto da festa da paz
da fraternidade: Memórias, narrativas e religiosidades em São Pe
com as devidas correções sugeridas pela banca de defesa. de Alcântara (SC)

Florianópolis, 10 de julho de 2019.

Milva

Orientador(a)



Scanned with
CamScanner

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a várias pessoas. Algumas contribuíram no início da minha jornada acadêmica, outras vieram depois e não por isso deixaram de ser menos importante. Vou citar alguns nomes e se acaso esquecer alguém, peço que me desculpem.

Dos professores vários marcaram minha trajetória. Lembro muito bem do meu primeiro dia de aula, pois após uma pausa de quase duas décadas, não foi nada fácil retornar aos bancos escolares. Logo no primeiro semestre tive a oportunidade de conhecer uma grande parte da casta do Curso de História da Universidade Federal de Santa Catarina: Joana Maria Pedro, Liane Maria Nagel, Paulo Pinheiro Machado, Hermetes Reis de Araujo, Renata Palandri Sigolo, entre outros. Com o passar dos semestres outros contribuíram Adriano Luiz Duarte, Arthur César Isaía, João Klug, Alexandre Busko Valim, Ana Lúcia Nötzold, Maria de Fátima Fontes Piazza, Eunice Sueli Nodari, Ana Maria Veiga, Henrique Espada Rodrigues Lima Filho, Beatriz Gallotti Mamigonian, Waldir José Rampinelli, Marcos Fábio Freire Montysuma, e por fim Mônica Martins que me resgatou por várias vezes, pensei, em diversas ocasiões desistir, mas graças a persistência dessa professora, cheguei aqui. Então gostaria de agradecer a todos os professores, porém em especial a minha orientadora que acreditou no meu potencial. Esta vitória também é sua professora.

Não poderia deixar de citar Cristiane Valério de Souza, Milano Cardoso Cavalcante e Toninho, que sempre foram prestativos e solidários nos momentos que procurei a Secretaria do Curso e não foram poucas às vezes que busquei auxílio destas louváveis pessoas. Vocês foram fundamentais para minha graduação, sou imensamente grato. Valeu meus queridos.

Agradeço também aos colegas que conheci na academia e se transformaram em grandes amigos e também passaram pelas mesmas dificuldades e venceram o desafio de se graduar. Amigos que puxaram o coro de "acaba logo", "você chegou até aqui, finaliza logo", "se precisar de mim é só chamar". Valeu Marilene Felix, Cláudio Lucio Augusto, Sidnei Sutil dos Reis, Lucimari Siqueira de Oliveira, Wellinton Correa, Adriano Denovac, sem o incentivo de vocês não teria concluído esta etapa. Estamos juntos. A casa grande pira com o sucesso da senzala.

E para finalizar gostaria de agradecer aos meus familiares. Tenho certeza que estão orgulhosos de ver seu cunhado, filho, irmão, pai, esposo conseguir superar a barreira que até então nenhum dos membros da família havia conseguido. Lembro do orgulho que meu pai sentiu quando iniciei na UFSC, por um acaso do destino ele partiu quando eu ainda estava no

primeiro semestre, portanto não acompanhou minha trajetória, mas sei que de onde ele estiver, vai estar orgulhoso. Obrigado por tudo meu amado pai.

Também gostaria de agradecer minha esposa Maria José de Souza de Medeiros e meus filhos Eduardo Souza de Medeiros e Camila Maria Souza de Medeiros, pela paciência e amor que tiveram comigo. Só eles para aturarem minhas crises de angústia e muitas vezes mal humor. Sei que no início foi difícil para vocês entenderem minhas ausências, mas foi necessário este sacrifício, assim como outros, para concluir minha graduação, mesmo assim gostaria de agradecer a compreensão. Foi duro, mas é gratificante saber que venci. Esta vitória dedico a vocês, meus amores, que são o alicerce da minha vida. Nós vencemos.

RESUMO

O objetivo geral do trabalho é analisar a Festa da Paz e da Fraternidade ou Festa do *Tio Marcos* para compreender porque ela foi criada em homenagem a um homem negro e ex-escravo numa comunidade essencialmente branca e de origem europeia. Como objetivos específicos têm-se apresentar algumas considerações acerca do surgimento da comunidade de São Pedro de Alcântara; apresentar considerações sobre a Festa; e, falar do *Tio Marcos* como ator social, sua importância na comunidade alcantareense. Metodologicamente o trabalho se utilizou de pesquisa bibliográfica e entrevistas. Concluiu-se que a festa da Paz e Fraternidade ou Festa do *Tio Marcos* é realizada na comunidade de São Teresa, interior de São Pedro de Alcântara no Santuário do Senhor Bom Jesus da Santa Cruz. O Santuário inaugurado no dia 13 de maio de 1988, Centenário da Abolição da Escravatura Brasileira, e seu grande idealizador foi Frei Ático Francisco Eyng. A primeira Festa orquestrada pelo Frei, emergiu o principal personagem chamado *Tio Marcos*, um ex-escravo que, segundo relatos, era respeitado e amado pela população alcantareense.

Palavras-chaves: Tio Marcos; São Pedro de Alcântara; Festa da Paz e da Fraternidade; Festa do *Tio Marcos*; Frei Ático Engy; Santuário do Senhor Bom Jesus da Santa Cruz.

ABSTRACT

The general objective of this work is to analyze the Festa da Paz or Festa do *Tio Marcos* to understand why it was created in honor of a black man and former slave in an essentially white community of European origin. Some specific objectives need to be presented regarding the origin of the community of São Pedro de Alcântara; present considerations on the Feast; And talk about Uncle Marcos as a social actor, his importance in the community from São Pedro de Alcântara. The work was methodologically used for bibliographic research and interviews. It was concluded that the Festa da Paz e Fraternidade or Festa do *Tio Marcos* took place in the community of Santa Teresa, in the interior of São Pedro de Alcântara in the Santuário do Senhor Bom Jesus da Santa Cruz . The Sanctuary opened on May 13, 1988, Centenary of the Abolition of Brazilian slavery, and its great idealizer was Fray Ático Francisco Eyng. The first Festival organized by Friar Ático, emerged the main character called *Tio Marcos*, an ex-slave who, according to reports, was respected and loved by the population from São Pedro de Alcântara.

Keywords: *Tio Marcos*; São Pedro de Alcântara; Festa da Paz e da Fraternidade; Feast of the *Tio Marcos*; Friar Ático Engy Santuário do Senhor Bom Jesus da Santa Cruz.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
PIB	Produto Interno Bruto
IDHM	Desenvolvimento Humano Municipal
RPPN	Reserva Particular do Patrimônio Natural
SNUC	Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza
CAEP	Conselho de Assuntos Econômicos Paroquiais
CPP	Conselho Pastoral Paroquial
MMU	Movimento Negro Unificado
NEN	Núcleo de Estudos Negros
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
USJ	Centro Universitário Municipal de São José
CEBS	Comunidades Eclesiásticas de Base

ÍNDICE DE IMAGENS

Imagem 01 - Mapa de São Pedro de Alcântara	25
Imagem 02 - Uma festa negra na Ilha de Santa Catarina (1803).....	50
Imagem 03 - Jornal Diário Catarinense do dia 14 de maio de 1988	53
Imagem 04 - Imagem da Campanha da Fraternidade.....	54
Imagem 05 - Programação do Centenário da Grande Florianópolis	70
Imagem 06 - Cartaz da Festa de 2018	74
Imagem 07 - Solicitação de brinde	75

ÍNDICE DE FOTOGRAFIAS

Figura 01 - Portal de entrada para o município de São Pedro de Alcântara.....	26
Figura 02 - Colunas da entrada do portal	26
Figura 03 - Árvore de Maio, todos os brasões dos Estados Alemães.....	27
Figura 04 - Poste de energia elétrica de Santa Teresa	28
Figura 05 - Estrada da Colônia de Santa Teresa.....	29
Figura 06 - Morro do Quilombo	30
Figura 07 - Cruz do <i>Tio Marcos</i> no Vira Copos.....	34
Figura 08 - Imagem do <i>Tio Marcos</i> com era no princípio.....	36
Figura 09 - Imagem do <i>Tio Marcos</i> na frente do Santuário	37
Figura 10 - A imagem com o fundo branco para pintura final	37
Figura 11 - Placas de agradecimentos das graças alcançadas	38
Figura 12 - Oração frente e verso do folheto do <i>Tio Marcos</i>	39
Figura 13 - Imagem da crucificação de Cristo	43
Figura 14 - Placa de agradecimento ao Frei Ático Francisco Eyng	44
Figura 15 - Santuário Bom Jesus da Santa Cruz	57
Figura 16 - Placas da Corrida da Fraternidade	63
Figura 17 - Estacionamento do Santuário.....	64
Figura 18 - Divulgação da Festa.....	65
Figura 19 - Placa de inauguração	66
Figura 20 - Estatueta do <i>Tio Marcos</i>	67
Figura 21 - Homenagem aos cavaleiros em 17 de maio de 2010	69

Figura 22 - Motivo da construção do Santuário do Bom Jesus da Santa Cruz	73
Figura 23 - Salão da Festa em 2018	74
Figura 24 - Velha Guarda da Escola de Samba Coloninha	76
Figura 25 - Família Medeiros	76
Figura 26 - Família Medeiros e amigos ao lado da estátua do <i>Tio Marcos</i>	77
Figura 27 - Família Medeiros e amigos no salão da Festa	77

Sumário

<i>INTRODUÇÃO</i>	15
<i>CAPÍTULO 1: HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DE SÃO PEDRO DE ALCÂNTARA</i>	23
1.1. São Pedro de Alcântara.....	23
1.2. Espaços de afirmação utilizados por <i>Tio Marcos</i> : Colônia Santa Teresa, Vila Abissínia, Morro do Quilombo.....	28
1.3. A construção de <i>Tio Marcos</i> como sujeito da História de São Pedro de Alcântara: memórias, narrativas e disputas.....	31
1.4. Vida e obra de Frei Ático: idealizador da Festa da Paz e da Fraternidade	39
<i>CAPÍTULO 2: A FESTA DA PAZ E DA FRATERNIDADE OU FESTA DO TIO MARCOS: FESTEJOS E MEMÓRIAS DA FESTA</i>	45
2.1. Festejos Populares	45
2.2. Um negro como representante de uma festa católica	52
<i>CONSIDERAÇÕES FINAIS</i>	78
<i>REFERÊNCIAS</i>	80
<i>FONTES</i>	85
1.1. Fontes Orais.....	85
1.2. Fontes escritas	85
1.3. Jornais.....	86

INTRODUÇÃO

Desde minha chegada a UFSC sonhei muito com este momento, a finalização da graduação do curso de História. Por isso, pensei em fazer o trabalho de conclusão do curso (TCC) voltado para algo relacionado com a memória e questão racial. O tema escolhido tem haver com minha trajetória de vida, memória, história, pois como homem negro, de origem humilde, sempre busquei saber e discutir temas relacionados a questão racial. O tema do TCC surgiu da curiosidade em saber mais sobre uma festa em homenagem a um negro em uma comunidade de fortes raízes germânicas e como essa memória se perpetuou até os dias de hoje, principalmente por ser relacionada a um homem reconhecido como ex-escravo, pobre e analfabeto, que conquistou uma posição de respeito de uma comunidade majoritariamente branca e de origem europeia.

Tive conhecimento dessa festa ao migrar para capital do estado catarinense, pois sou natural de Chapecó, uma cidade de porte médio e de forte colonização germânica e italiana. Durante os 20 anos em que vivi no interior do Estado, conheci poucos negros, todavia, em Florianópolis, há expressivos números de afrodescendentes e lugares que os mesmos têm como locais de passeios e lazer, tais como o Santuário Bom Jesus da Santa Cruz, onde tive a grata surpresa de conhecer um pouco de sua história, mas como havia diversas lacunas a serem preenchidas, escolhi *Tio Marcos e a Festa da Paz e Fraternidade* como personagens e tema de pesquisa de TCC, também me propondo a estudar a memória histórica do negro na região de São Pedro de Alcântara.

Com este trabalho, tenho como objetivo analisar a festa que é realizada no município de São Pedro de Alcântara, Santa Catarina, município fundado em 1829, pertencente à Grande Florianópolis e somente reconhecido como cidade em 1994, vindo a se emancipar de São José em 1996. Destaca-se por ser o embrião da imigração germânica em Santa Catarina, porém, enfatizo a importância da comunidade negra no local e de sua resistência contra a escravidão, por meio da organização de um quilombo. Por isso, no município de São Pedro de Alcântara, colonizado por alemães, regado por uma cultura predominante europeia, salta aos olhos a importância da imagem de um negro na entrada de uma igreja católica. E para homenagear esse personagem, onde há suposições de várias graças alcançadas por intermédio de orações e rezas feitas a esse senhor, foi erguida uma estátua pelo Frei Ático Francisco Eyng (1912-1996), imagem que lembra a de um Preto Velho na cultura afro-brasileira. Contudo, muitos que ali chegam pela primeira vez desconhecem o motivo para tal homenagem.

A partir da figura de um ex-escravo, pretendo analisar como essas apropriações foram se desenvolvendo ao longo da história. E levando em consideração as formas de assimilação feitas na sociedade, onde a uma forte tendência a suprimir outras culturas, é necessário dar enfoque a essa história local, enfatizando a cultura negra. Segundo Barros¹, estudar a história local e regional tem como possibilidade dar maior iluminação aos detalhes das grandes questões econômicas, políticas, sociais e culturais estudadas anteriormente somente no âmbito nacional ou mundial. A busca de memórias da festa foi um processo trabalhoso, visto que se trata de um tema com pouca literatura, por isso escolhi trabalhar com a metodologia da história oral, por meio da qual foi necessário adentrar no mundo de cada um dos entrevistados, saber sobre suas trajetórias e disputas e como a festa tem se transformado ao longo dos anos.

A ausência de uma história sobre a trajetória de vida do *Tio Marcos* sinaliza a falta de valorização dos negros na sociedade catarinense, pois a imagem que é “vendida” a outros estados brasileiros e países é de uma Santa Catarina onde as pessoas têm pele e olhos claros, com descendência predominantemente europeia. A existência de outras etnias é praticamente relegada ao esquecimento e foram poucos afrodescendentes que conseguiram destaque nessa sociedade majoritariamente branca como, por exemplo, a professora, jornalista e escritora Antonieta de Barros (1901-1952), que exerceu o magistério e foi ativa na área política, tornando-se a primeira deputada estadual negra após a instauração do Primeiro Código Eleitoral Brasileiro em 24 de fevereiro de 1932. Outro expoente da cultura negra no estado catarinense foi o escritor e poeta João da Cruz e Souza, (1861-1898), conhecido simplesmente como Cruz e Souza ou Dante Negro, como foi apelidado. Foi um dos precursores da literatura afrobrasileira e simbolista, mas por causa dos constantes casos de racismo, o mesmo se sentia “emparedado”, conforme intitulou um dos seus poemas. Seus poemas revelavam sua “(...) contrariedade e indignação frente à injustiça praticada aos negros (...)” e “(...) constatada por meio de sua aberta orientação abolicionista e de seu trabalho literário, inovador e fortemente contrário ao discurso conservador da época.”² Outras personalidades catarinenses como o caso do *Tio Marcos*, não tiveram as mesmas considerações, por isso compreendo que suas histórias precisam tornar-se visíveis, pois o estado catarinense foi povoado por diversas etnias que precisam emergir nas narrativas sobre o passado.

¹ BARROS, Jose D'assunção de. História, região e espacialidade. **Revista de História Regional**, Ponta Grossa, n. 10 (1), p.95-129, Verão, 2005 (Publicado em 2006). Semestral, p. 108.

²LITERAFRO. **O portal da literatura afro-brasileira**. Cruz e Souza. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/autores/206-cruz-e-sousa>>. Acesso em: 10 de Nov. 2018.

Dentro desse contexto, fica visível quando vários pesquisadores tendem a demonstrar e valorizar a cultura afrodescendentes em terras catarinenses que por muito tempo foi relegada a notas de rodapés, tais como Ilka Boaventura Leite³, Clemente Gentil Penna, Martha Rebelatto, Beatriz Gallotti Mamigonian. Leite⁴, questiona sobre essa ausência na historiografia catarinense e a negação da presença dos mesmos nessa sociedade como um “(...) dos suportes da ideologia do branqueamento, podendo ser identificada em diferentes tipos de práticas e representações (...)”.

Ao pesquisar sobre as literaturas que discutem as festas negras em Santa Catarina destaco Jaime José dos Santos Silva⁵, que dá visibilidade a essas práticas e traz reflexões importantes, já que no meio das festas negras podemos acessar as disputas de memórias. Silva descreve que não se pode interpretar a festa por um único viés, pois ela não é somente uma festa, mas também é preciso ligá-la ao momento do cotidiano de suas relações sociais, já que, (...) todas estas manifestações possuem um trabalho social e cultural específico, produto de uma coletividade que reflete os anseios e as expressões da sociedade sobre si.”⁶

Por esse motivo, utilizo alguns pesquisadores para embasar meu trabalho, como por exemplo, Wanda Ritta, Djanira Maria M. de Andrade e Priscila Catarina Hoffmann que aborda a história sobre *Tio Marcos* através de depoimentos coletados para esse fim, porém fala pouco da Festa da Paz e da Fraternidade⁷. Já Wanda Ritta que tem como título de seu trabalho, a Invisibilidade Negra em São Pedro de Alcântara⁸, e também não traz relatos sobre a Festa da Paz e da Fraternidade, porém o mesmo traz embasamento ao meu trabalho, pois descreve sobre a vida do *Tio Marcos*. Djanira Maria M. de Andrade, em seu livro lançado em

³ PENNA, Clemente Gentil. **Escravidão, Liberdade e os Arranjos de trabalho na Ilha de Santa Catarina nas últimas décadas de escravidão (1850-1888)**; REBELATTO, Martha. Quilombos e fugas de escravos na Ilha de Santa Catarina. In: Beatriz Gallotti Mamigonian; Joseane Zimmermann Vidal. (Org.). **História Diversa: africanos e afrodescendentes na Ilha de Santa Catarina**. 1ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2013, v. , p. 131-149; LEITE, Ilka Boaventura. Descendentes de africanos em Santa Catarina. In: **Negro no Sul do Brasil**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1996.

⁴ LEITE, Ilka Boaventura, *Idem*, p. 39.

⁵ Ver: SILVA, Jaime José dos Santos. **A dança do Cacumbi: novo olhar sobre as festas afro-brasileiras e as vivências do pós-emancipação em Santa Catarina**. In: VI Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional, 2013, Florianópolis. Anais do VI Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional, 2013; SILVA, Jaime José dos Santos. **As festas do tempo da escravidão em Santa Catarina: lembranças e aspirações em torno da devoção a Nossa Senhora do Rosário**. In: **XXVII Simpósio Nacional de História: Conhecimento histórico e diálogo social / ANPUH-Brasil**, 2013, Natal. Anais eletrônicos. São Paulo: Associação Nacional de História - ANPUH/Brasil, 2013. v. 1. p. 2-17; SILVA, Jaime José S. Entre a Diversão e as Proibições: as Festas de Escravos e Libertos na Ilha de Santa Catarina. In: MAMIGONAN, B. G.; VIDAL, J. Z.. (Org.). **História Diversa: Africanos e Afrodescendentes na Ilha de Santa Catarina**. 1ed. Florianópolis: Editora UFSC, 2013, v. 1, p. 109-130.

⁶ SILVA, Jaime José dos Santos, *Idem*, p. 1.

⁷ HOFFMANN, Priscila Catarina. **Negros de São Pedro: Experiências das populações de origem Africana no pós-abolição em São Pedro de Alcântara**. Florianópolis, 2009.

⁸ RITTA, Wanda. **Invisibilidade negra em São Pedro de Alcântara (1880-1889)**. 2003. 69 f. Monografia (Especialização) - Curso de História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003. Cap. 8.

1988, também traz ricos detalhes referentes à vida de ex-escravo, assim como os motivos que influenciaram Frei Ático a fazer o Santuário em homenagem ao mesmo. A autora e o Frei Ático utilizaram entrevistas com pessoas que conheceram e conviveram com *Tio Marcos*⁹, que também foram utilizadas neste trabalho, por apresentarem alguns detalhes importantes da Festa.¹⁰

Quanto à abordagem do problema, esta pesquisa se classifica como pesquisa qualitativa. Por esse motivo, e devido ao interesse em conhecer a história do *Tio Marcos* e como um ex-escravo chegou a ser o personagem principal de uma festa com características alemã, também procurei utilizar entrevistas feitas por mim, a partir de um roteiro que permitisse conhecer as pessoas envolvidas na primeira Festa da Paz e da Fraternidade ou Festa do *Tio Marcos* e suas motivações e interesses para serem festeiros por vários anos.

Em meados da década de 70-80 do século XX, emergiu na historiografia um novo modo de compreender a história, a História Cultural, mudando a forma de olhar do historiador a respeito da documentação e da noção de fontes. Essa nova história permitiu que a utilização dos depoimentos orais pudesse ser utilizada como fontes de pesquisa. Por isso, a metodologia da História Oral, que é utilizada neste trabalho tem como objetivo conhecer as histórias dos primeiros participantes, como a Festa surgiu, além de como o personagem *Tio Marcos* tornou-se figura principal da mesma. As memórias dos entrevistados carregam em sua trajetória memórias que, conforme Le Goff “(...) conserva certas informações com as quais o homem pode atualizar impressões ou informações do passado”¹¹. As entrevistas orais que norteiam a pesquisa foram às principais fontes que utilizei para retratar a história da Festa da Paz e Fraternidade ou Festa do *Tio Marcos*, já que há poucas fontes escritas sobre esse assunto.¹²

⁹ As entrevistas estão à disposição no Laboratório de História Oral, LABHORAL. Essas entrevistas foram concedidas ao Djanira Maria Martins de Andrade e ao Frei Ático Francisco Eyng.

¹⁰ ANDRADE, Djanira Maria Martins de. **O Escravo Marcos Manuel Vieira e o Santuário do Bom Jesus da Santa Cruz**. Prefeitura Municipal de São José, 1988.

¹¹ LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5ª ed. Campinas: Unicamp, 2003, p. 18.

¹² Para esse trabalho, além das fontes orais, foram utilizados jornais que retrataram e divulgaram o início da Festa e os trabalhos de Priscila Hoffmann e Djanira Maria Martins de Andrade. Ver: PROGRAMAÇÃO para centenário da abolição. **Jornal “O Estado”**, Florianópolis, 13 de maio de 1988. Florianópolis: Biblioteca Estadual de Santa Catarina; SANTA Teresa festeja abolição. **Diário Catarinense**, 14 de mai. de 1988. Disponível:

http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=Arq_Cultura&PagFis=8480&Pesq=santu%C3%A1rio%20bom%20jesus. Acesso: 09 de mai. 2019; ANDRADE, Djanira Maria Martins de. **O Escravo Marcos Manuel Vieira e o Santuário do Bom Jesus da Santa Cruz**. Prefeitura Municipal de São José, 1988; HOFFMANN, Priscila Catarina. **Negros de São Pedro: Experiências das populações de origem Africana no pós-abolição em São Pedro de Alcântara**. Florianópolis, 2009.

A realização das entrevistas não foi nada fácil. Preparara-las, entrar em contato com os possíveis entrevistados, gravar os depoimentos, transcrevê-los, revisá-los e analisá-los custou um longo tempo. Transcrever, além de tempo, requer dedicação, paciência e sensibilidade. Nessa etapa, percebi o quanto é importante manter uma boa qualidade da gravação, assim como o desenvolvimento da entrevista. A princípio fiz uma busca entorno dos festeiros e moradores ou não de Santa Tereza, que de uma maneira ou de outra contribuíram para Festa, priorizando sempre quem foi festeiro em 1988 e continua até hoje participando da mesma. Não imaginava que faria sete entrevistas, foi durante a construção do trabalho que fechei este número, analisando os diferentes papéis assumidos por eles em meu estudo.

Para a coleta dos depoimentos, adotei as entrevistas temáticas já que os entrevistados participaram do tema escolhido para o estudo e conforme Verena Alberti, “As entrevistas temáticas são as que versam prioritariamente sobre a participação do entrevistado no tema escolhido enquanto as de história de vida têm como centro de interesse o próprio indivíduo na história (...)”¹³. Fui a campo sabendo que as entrevistas não são o “total da história” da Festa da Paz e da Fraternidade ou Festa do *Tio Marcos*, por isso, não me mantive em uma só entrevista, pois não há a verdade absoluta,¹⁴ mas diferentes narrativas acerca da festa que indicam múltiplas formas de vivenciá-las. Após organizar o grupo, busquei consultá-los acerca do interesse de concederem a entrevista e participarem da pesquisa. Alguns foram receptivos, outros nem tanto. Fiz uma conversa informal com todos os possíveis entrevistados naquele momento, sendo que este contato inicial foi extremamente importante para analisar o que cada um dos participantes poderia agregar ao trabalho e/ou a futuras pesquisas. Logo em seguida, organizei um roteiro individual juntamente com as perguntas que me proporcionaram extrair as informações específicas de cada entrevistado. As repetições de algumas falas foram importantes para referendar certos fatos. As perguntas abertas auxiliaram os entrevistados a desenvolverem melhor suas respostas e pensamentos, porém, deixando claro que as entrevistas fariam parte de uma pesquisa acadêmica.

No primeiro bloco, entrevistei Eliete Maria Rosa, 67 anos, moradora de Florianópolis, Bairro Capoeiras, mulher negra e primeira festeira que teve uma enorme participação na organização da primeira Festa em 1988. Em seguida outras entrevistas foram feitas com Maria de Lourdes Farias, 97 anos, Elisabete Cecília Farias, com 59 anos, Elizio José Farias, 61 anos, respectivamente mãe, irmã e irmão de Eliete Maria Rosa, todos negros, moradores de Florianópolis, bairro Agrônômica, cada um com sua especificidade. Dona Lourdes contribuiu

¹³ ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Editora Contexto, 2ª ed, 2010, p. 175.

¹⁴ *Idem*, p. 158.

com ricos detalhes para pesquisa, Elisabete, a mais jovem de todos, me trouxe detalhes mais recentes da Festa, Elizio pontuou várias situações do evento de 1988.

No segundo bloco, entrevistei moradores de Santa Teresa como José Medeiros, 64 anos, homem branco que trabalhou na organização e execução dos trabalhos da Festa, fez serviço de bar, cozinha e balcão. Logo em seguida entrevistei Bertolino José Zimmermann, 78 anos, homem branco que, no ano de 1988, fazia parte do Conselho de Assuntos Econômicos Paroquiais, CAEP, e era muito próximo do idealizador da Festa, Frei Ático. Esteve à frente de toda organização da Festa, tanto na parte burocrática como braçal. Amarildo Nazareno Stahelin, 52 anos, participou da primeira Festa da Paz e Fraternidade em 1988 e até os dias de hoje participa da mesma e é administrador do Conselho Pastoral Comunitário (CPC). Fez parte da comissão organizacional no ano de 2018 e trouxe dados importantes das festas mais atuais. Ao final desta parte de meu trabalho, percebi que os entrevistados organizaram e selecionaram o que iriam dizer. Os entrevistados, na sua grande maioria, alteraram o comportamento conforme as indagações que eu fazia. Percebendo tal atitude, procurei deixá-los mais livres para que cada um buscasse suas recordações da Festa. Conceder as entrevistas despertou sentimentos dos mesmos, pois para a grande maioria, principalmente os membros da família Farias, foi motivo de orgulho participar desse trabalho acadêmico. Com os mais desenvolvidos, foi necessário conter o impulso dos mesmos, já que os inquiridos iam além das respostas, divagavam. Quando possível os trazia para a conversa e o foco do encontro. Como descreve Alberti, é preciso saber "ouvir" o que o entrevistado nos diz, o que nos revela, até mesmo quando foge do tema¹⁵. Em relação às falas, quando analisei as entrevistas, tomei o cuidado de variar as perguntas e assim obter mais informações que pudessem contribuir para esse trabalho. Em alguns momentos, a escolha de palavras dos entrevistados demonstrou o caminho que devia seguir, já que, fazer entrevistas é uma responsabilidade gigantesca, pois "Não se trata de sair com o gravador em punho e solicitar às pessoas que relatem suas vidas. É preciso ter bem claro por que, como e para que se fará uma pesquisa utilizando história oral (...)".¹⁶

É importante salientar que, para conhecer melhor a Festa e todo seu reflexo para a comunidade, participei por vários anos como visitante e nos anos de 2018 e 2019 participei como festeiro. Durante essas participações, consegui parte das fontes utilizadas nesse trabalho, bem como consegui consultar os acervos particulares dos primeiros festeiros, além de conseguir contatos com diversas pessoas envolvidas no evento desde a primeira Festa.

¹⁵ ALBERTI, Verena, 2010. *Op. Cit.*, p. 185.

¹⁶ *Idem*, p. 189.

Essas fontes e contatos foram muito importantes, pois de acordo com Marc Bloch¹⁷, as fontes são os testemunhos da história, seja longínqua ou recente, por isso, o distanciamento das fontes não depende dessa proximidade, mas como um pesquisado consegue lidar com ela¹⁸.

Também utilizei as referências bibliográficas que discutem a festa como objeto de pesquisa a partir de textos de Durval Muniz Albuquerque Júnior¹⁹, Catarina de Queiroz Lavezzo²⁰ e Laura Nina Bernardes²¹, entre outros para entender como as festas foram importantes para socialização da comunidade e como um meio de integração racial.

Também falo das condições do negro depois da assinatura da abolição da escravatura brasileira em 1888. Condições que não foram às mesmas para todos negros e descendentes africanos, alguns conseguiram vencer a barreira da cor e dos entraves sociais. *Tio Marcos* foi e é um exemplo dessa época. Nascido e criado numa cidade do interior e de um lugar de predominância europeia, ascendeu socialmente, tornando-se uma figura de liderança nessa sociedade.

O texto que se segue esta organizado em dois capítulos. No primeiro capítulo procurei focar na história e memórias de São Pedro de Alcântara, mostrando como esse município emergiu e como as etnias, branca de origem principalmente alemã, e a negra de origem africana, se entrelaçaram. Esse capítulo foi dividido em quatro subcapítulos para uma melhor análise da história do município e como a cultura germânica obteve hegemonia em face de outras que habitavam o mesmo espaço. Contudo, mesmo nesse ambiente, *Tio Marcos* conseguiu se destacar, por isso, abordo também a vida desse personagem e seu espaço de convívio tais como Colônia Santa Tereza, Vila Abissínia e Morro do Quilombo e como um homem negro, ex escravo e com um profundo cunho religioso conseguiu se destacar e torna-se um personagem de uma Festa num município de fortes raízes germânica. Nos subcapítulos sobre a construção do *Tio Marcos* como sujeito da História de São Pedro de Alcântara e a vida e obra de Frei Ático, abordo como esses personagens tornaram-se importantes para a comunidade através das memórias dos entrevistados.

¹⁷ BLOCH, Marc. **Apologia a História ou o Ofício do Historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001

¹⁸ MATOS, Júlia. A perspectiva histórica: condições, perspectivas e a formação profissional do historiador. Disponível em: <http://www.uab.furg.br/course/view.php?id=1085>. Acesso em 23 jun. 2016, p.4.

¹⁹ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **Festas para que te quero**: por uma historiografia do festejar. Patrimônio e Memória (UNESP), v. 07, p. 134-150, 2011.

²⁰ LAVEZZO, Catarina de Queiroz. **“As festas do Império”**: a organização da cidade para os dias festivos. 2003. 50f. Monografia apresentada ao Curso de História da Universidade Federal de Ouro Preto. Mariana, 2003.

²¹ BERNARDES, Laura Nina. **Guia de viagem das festas populares**: a defesa de um conceito. 2006. 118f. Monografia de conclusão do curso de Comunicação Social, habilitação em Produção Editorial da ECO/UFRJ. Rio de Janeiro, 2006.

No segundo capítulo desse trabalho procurei verificar a construção da Festa da Paz e da Fraternidade ou *Festa do Tio Marcos*, utilizando primeiramente a questão dos estudos dos festejos populares que são manifestações culturais. No subcapítulo sobre como um negro e ex escravo tornou-se representante de uma festa no município de origem germânica, tento demonstrar a importância do *Tio Marcos* para a comunidade e como Frei Ático utilizou esse personagem e a data da Abolição da Escravatura para inaugurar o Santuário Bom Jesus da Santa Cruz.

CAPÍTULO 1: HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DE SÃO PEDRO DE ALCÂNTARA

1.1. São Pedro de Alcântara

O primeiro cenário do meu estudo é o município de São Pedro de Alcântara em Santa Catarina, fundado em 1º de março de 1829. A princípio, era uma colônia povoada inicialmente por imigrantes oriundos das regiões de *Hunsruch* e *Eifel*, sudeste da Alemanha. Sua instalação se deu as margens do Caminho das Tropas, assim denominado pelos imigrantes de *Kaiserlicherweg* (Caminho Imperial), a passagem da cidade de Nossa Senhora do Desterro (Florianópolis) para Vila de Nossa Senhora dos Prazeres dos Campos das Lages (Lages). Recebeu este nome em homenagem ao santo de devoção da família imperial.²²

O nome da Colônia dos Alemães, depois denominada Colônia São Pedro de Alcântara, tem origem no nome do santo de devoção da família imperial, João Sanábria, mais tarde denominado São Pedro de Alcântara. São Pedro nasceu em 1499 em Alcântara uma pequena cidade da Espanha, próxima à fronteira de Portugal, na região da Estremadura. Foi proclamado Padroeiro Principal do Brasil, em 31 de maio de 1826, pelo Imperador D. Pedro I.

Mesmo sendo a primeira colônia de alemães do estado de Santa Catarina, o município de São Pedro de Alcântara, também recebeu imigrantes Luso-Açorianos e pessoas escravizadas, estes em pequeno número, que vieram para cá depois dos europeus terem praticamente exterminado e/ou tentado escravizar os indígenas. Essas diversas etnias deram suas contribuições no processo da colonização, pois trouxeram consigo cultura, comida, música, religião e contribuíram para concepção da identidade brasileira.

A variedade linguística e cultural dos negros inseridos no Brasil e dos indígenas que aqui já se encontravam, foram de suma importância na formação do povo brasileiro. Segundo Barth²³, a identidade étnica é construída pelo processo de exclusão e inclusão entre os grupos sociais, estabelecendo o que pode ser ou não ser interagido. Vale ressaltar que quando chegaram ao Brasil, a partir do final do século XIX, os imigrantes europeus encontraram um país estruturado com outras etnias tais como brancos, negros e índios. Essa fusão das raças e sua importância ficam claras de entender com o antropólogo e escritor Darcy Ribeiro ao declarar que "A sociedade e a cultura brasileiras são conformadas como variantes da versão

²² PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO PEDRO DE ALCÂNTARA. **História da Colonização**: Como tudo começou. Publicado em 13 de nov. 2014. Disponível em: <http://www.pmspa.sc.gov.br/cms/pagina/ver/codMapaItem/48079>. Acesso em 02 mar. 2017.

²³ BARTH, Fredrik, 1969, Apud POUTIGNAT, Philippe e STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade**. São Paulo: UNESP, 1998, p. 11.

lusitana da tradição civilizatória europeia ocidental, diferenciada por coloridos herdados dos índios americanos e dos negros africanos".²⁴ O autor vislumbra como a sociedade brasileira foi formada com várias etnias, mas ancorada na sociedade portuguesa e na tradição europeia. Contudo, o autor não deixou de verificar que essa mistura não foi pacífica. No caso das etnias indígenas e africanas, houve muitos casos de apagamento de sua cultura em contraste com a cultura europeia.

Segundo Maria Dolores Buss, Luís F. Scheibe e Sandra M. A. Furtado²⁵, 146 famílias europeias chegaram a Santa Catarina para formar a colônia de São Pedro de Alcântara, porém, a colônia parecia que não se desenvolveria assim como tantas outras que surgiram na época. Ao contrário, por ser um projeto estratégico de povoamento no interior da capitania, possuía casas de comércio e oficinas e uma vasta criação de gados e porcos, mas era somente um ponto de reabastecimento dos viajantes que se dirigiam para Lages ou caminhos para as mulas e cavalos com destino a Sorocaba²⁶.

Os colonos que chegaram a São Pedro de Alcântara ergueram no alto da colina uma pequena igreja de pau-a-pique, com a autorização do prelado da diocese, o então Vigário Joaquim Gomes de Oliveira e Paiva, popularmente conhecido por Arcipreste Paiva ou Padre Paiva (12/06/1821 a 29/01/1869). Este foi até a comunidade no dia 12 de maio de 1846 e no dia seguinte em uma grande solenidade deu a benção na capela e ao futuro cemitério. Os colonos se confessaram e comungaram e na tarde do dia 13 de maio rezaram Vésperas - São a parte do Ofício Divino, também chamado Liturgia das Horas, que é celebrada à tarde, entre 15 e 18 horas. Composições ou cânticos sobre os textos dessa hora canônica também são chamados vésperas - diante da cruz que tinham fixado na área externa da igreja. Um dos colonos registrou no tronco de uma árvore grossa um escrito em português para eternizar a solenidade, demonstrando que para eles o dia 13 de maio seria um dia santo para ser guardado²⁷.

Os colonos de São Pedro conduziam em cargueiros os seus gêneros da lavoura, tipo batatas, feijões, mandiocas, milhos. Do excedente deste último era feita a farinha e da cana-de-açúcar fazia-se a aguardente. Conduziam os produtos até a área periférica de São José,

²⁴ RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: A formação e o sentido do Brasil**: Introdução. Companhia das Letras. São Paulo, 1997.

²⁵ BUSS, Maria Dolores; SCHEIBE, Luís F. e FURTADO, Sandra M. A. **São Pedro de Alcântara: paisagem e rupturas**. Geosul, v. 17, n. 34, 2002, p. 160.

²⁶ *Idem*, p. 159.

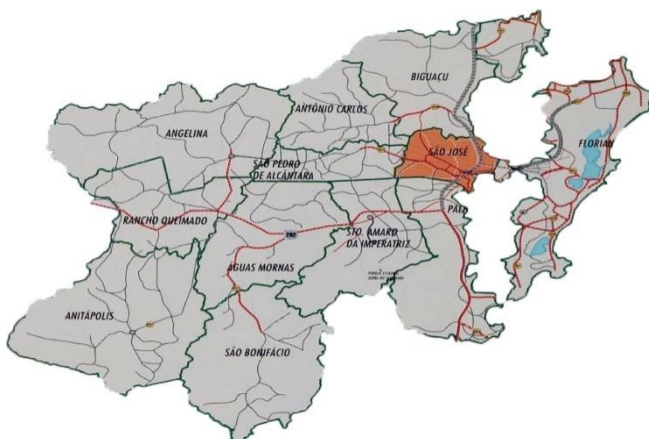
²⁷ PAIVA, Arcipreste Joaquim Gomes de Oliveira. **Colonização Alemã de São Pedro de Alcantara: Comemoração do Centenário da Colonização alemã de Santa Catarina (1829 – 1929)**. Disponível: http://www.bu.ufsc.br/projeto_obras_raras/84434.pdf. Acesso em 05 mar. 2017.

hoje conhecida por Praia Comprida, onde os moradores com suas lanchas, botes ou canoas navegavam rumo ao porto da capital.

São Pedro de Alcântara foi elevado à categoria de freguesia em 13 de abril de 1844 pela resolução da Assembleia. Posteriormente, a freguesia desenvolveu e tornou-se cidade, hoje pertencente à Grande Florianópolis, sendo que somente foi reconhecida e emancipada em 1994, com a lei estadual 9.534 de 16 de Abril de 1994, vindo a se emancipar de São José em 1996 pela lei estadual 9.943 de 20 de Outubro de 1995.²⁸

São Pedro de Alcântara fica a 32 km de distância de Florianópolis, o que a torna parte da região metropolitana da Grande Florianópolis. Mantém suas características rurais, pois os moradores ainda trabalham com a agricultura, com os hortifrutigranjeiros e derivados da cana-de-açúcar como a cachaça. Tem como destaque também o turismo rural e o ecoturismo, facilitado pela área de mais de 68% de extensão arborizada. Em seu relevo, de predominância acidentada, há colinas, cachoeiras e cascatas que atraem diversos turistas. Possui uma única unidade de conservação, a Reserva Particular do Patrimônio Natural Rio das Lontras (RPPN Rio das Lontras) que faz parte do Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (SNUC).

Imagem 01 - Mapa de São Pedro de Alcântara



Fonte: FARIAS, Vilson Francisco de. São José 256 anos em busca das raízes. Edição atualizada. São José: Editora do autor, 2006, p. 51

O portal de entrada de São Pedro de Alcântara indica a representação do local como 1ª Colônia Alemã de Santa Catarina, utilizando símbolos que associam a cidade à cultura germânica na cidade. Na coluna à direita o Fritz, como é conhecida popularmente a figura

²⁸ SÃO PEDRO DE ALCANTARA. Prefeitura Municipal. **Dados Gerais e Localização.** *Op. Cit.*

masculina do alemão, como seu copo de chope nas mãos. Na coluna da esquerda, iremos encontrar a figura feminina Frida com as iguarias culinárias.

Figura 01 - Portal de entrada para o município de São Pedro de Alcântara



Fonte: foto do autor – 17 de maio de 2015

Figura 02 - Colunas da entrada do portal



Fonte: foto do autor – 17 de maio de 2015

Figura 03 - Árvore de Maio, todos os brasões dos Estados Alemães



Fonte: foto do autor - 06 de Setembro de 2018

Existe, no imaginário catarinense, uma identidade comum, ligada principalmente a cultura germânica e italiana que sobrepujaram as demais culturas, sendo que o município de São Pedro de Alcântara não foge a essa regra como pode ser observado pelas figuras 02, 03 e 04. A figura do Fritz com sua caneca de chope e a Frida com seu avental branco e preparando alimentos, são representações recorrentes dessa presença alemã em Santa Catarina, sobretudo na relação desses povos com noção de comunidade e das festas, o que fortalece o discurso da forte presença germânica no Brasil.

A Árvore de Maio, (Fig. 04), também conhecida como Maibaum²⁹, é uma tradição que vem do século XVI, sendo incorporada ao município alcantarense, simbolizando a união de uma comunidade. As festas também têm esse objetivo de reviver e ritualizar a memória

²⁹ CAMINHOS DA IMIGRAÇÃO ALEMÃ. **Tradição Maibaum**. 2013. Disponível em: <http://www.caminhosdaimigracaoalema.com.br/noticia/87/tradicao-maibaum>. Acesso: 12 de dez 2018.

coletiva de um grupo, pois citando Le Goff, “O passado é uma construção e uma reinterpretação constante e tem um futuro que é parte integrante e significativa da história.”³⁰

As figuras citadas mostram como a cultura alemã influencia até os dias atuais a comunidade de São Pedro de Alcântara.

1.2. Espaços de afirmação utilizados por Tio Marcos: Colônia Santa Teresa, Vila Abissínia, Morro do Quilombo

A Colônia Santa Teresa trata-se hoje de um bairro de São Pedro de Alcântara. Vale ressaltar que, neste trabalho, farei referência às duas denominações, colônia ou bairro, pois se perpetuou na memória dos moradores as duas formas de referência a esse local.

A colônia Santa Teresa emergiu no ano de 1940 por causa da instalação do Hospital de Santa Teresa para doentes acometidos pela hanseníase no estado de Santa Catarina.³¹ Nesse bairro, como em toda cidade, a colonização alemã é evidente. Logo na chegada da comunidade, os postes da iluminação pública e das residências são pintados com as cores preta, vermelha e amarela em formas listradas, cores e detalhes que representam a bandeira da Alemanha.

Figura 04 - Poste de energia elétrica de Santa Teresa



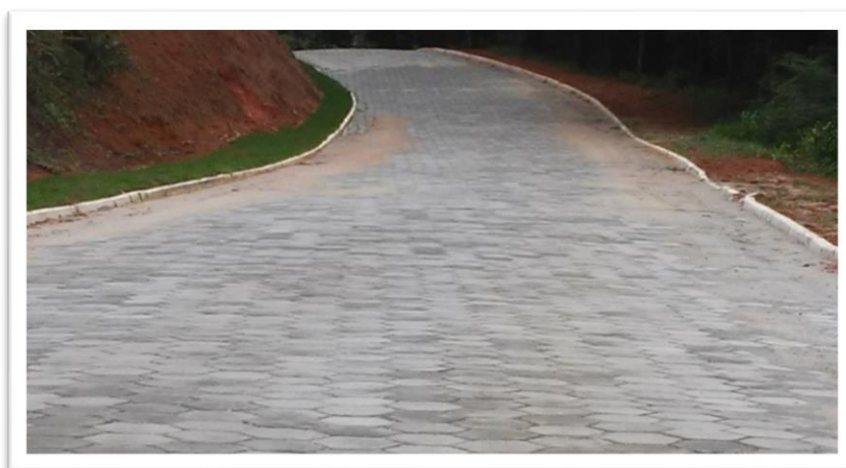
Fonte: foto do autor - 17 de maio de 2015

³⁰ LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. *Op.cit.*, p. 14.

³¹ Como não foi o objetivo dessa pesquisa, focar nessa instituição, sugiro pesquisar em MARTINS, Patrícia Vieira. **Hanseníase, exclusão e preconceito**: histórias de vida de mulheres em Santa Catarina. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Saúde Pública da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2008.

O acesso a Santa Teresa, no início da Festa, era de enorme dificuldade para os que chegavam de carro e/ou de ônibus, oriundos de várias localidades de Florianópolis e cidades vizinhas. Ou seja, aos poucos o acesso que era bem dificultoso, segundo os moradores e os entrevistados, foi recebendo melhorias. E aquela estrada de barro, que muitas vezes prejudicava a chegada à Festa se transformou em uma via totalmente calçada.

Figura 05 - Estrada da Colônia de Santa Teresa



Fonte: foto do autor - 17 de maio de 2015

As melhorias, segundo os entrevistados, começaram a partir do aumento de visitantes ao Santuário e da participação de vários festeiros de outras localidades, o que gerou investimentos na infraestrutura do município. Contudo, muitos negros que permaneceram na região de São Pedro de Alcântara, principalmente em localidades como Vila Abissínia, depois do ato que oficializou a abolição da escravatura em 13 de maio de 1888, formando assim uma comunidade quase exclusivamente de negros, como pode ser comprovada pela fala de Silva: “(...) foram moradores antigos da Vila Abissínia, região de São Pedro onde moravam apenas famílias negras (...)”³², por causa das condições financeiras desses vários afrodescendentes, poucos freqüentaram as festas da região. Podemos concluir também que a divulgação da Festa na comunidade negra era e é pouco difundida.

Embora o estado catarinense tivesse a presença de negros e de etnias diversas, segundo Leite, os discursos veiculados pela propaganda imigratória construíram a ideia de um vazio sócio-cultural, o qual deveria ser preenchido pela vinda de imigrantes, preferencialmente

³² SILVA, Janaina Amorim da. **Tramas cotidianas dos afrodescendentes em São José no pós-abolição**. Trabalho de Conclusão de curso (Dissertação), Florianópolis, 2011, p. 52-53 e 71.

alemães.³³ Conforme Silva e Otto, uma parcela da historiografia catarinense evidencia a relevância da contribuição dos imigrantes europeus, “(...) principalmente alemães, para o desenvolvimento econômico do estado catarinense, no entanto, há que se ampliar, ainda mais, a parcela da historiografia que salienta também a importância das etnias não tão somente européias no desenvolvimento desse Estado”³⁴. Como aborda a pesquisadora Leite, “(...) o mecanismo da invisibilidade se processa pela produção de certo olhar que nega a sua existência (de negros) como forma de bani-lo totalmente da sociedade. Ou seja, não que o negro não seja visto, mas sim que ele é visto como não existente.”³⁵

Figura 06 - Morro do Quilombo



Fonte: foto do autor - 06 de outubro de 2018

O Morro do Quilombo têm grande importância para este trabalho. De acordo com narrativas locais, foi o local onde *Tio Marcos* se escondeu para fugir dos castigos infligidos por seus donos, um deles se chamava Eduardo Vieira, e lá no alto construiu a cruz que posteriormente carregou até Santa Tereza, onde existiu uma pequena igreja que posteriormente deu lugar ao Santuário Bom Jesus da Santa Cruz. Vale ressaltar que ele foi escravo por 28 anos, nascido em 1860 e falecido em 30 de maio de 1952, aos 92 anos de

³³ LEITE, Ilka Boaventura. *Op. Cit.*

³⁴ SILVA, Cintia Tuler e OTTO, Clarícia. **Memórias do Cotidiano Escolar**: Encontros e Desencontros entre negros e alemães em São Pedro de Alcântara, SC. Fazendo Gênêro9, 23 e 26 de agosto de 2010, p. 2.

³⁵ LEITE, Ilka Boaventura, *Op. Cit.*, p. 41.

idade. Segundo Longino Clasen,³⁶ com o passar dos anos a cruz de *Tio Marcos* foi retirada do Santuário e colocada na localidade de Vira Copos, bairro mais próximo do centro de São Pedro de Alcântara. Posteriormente, depois da sua libertação da condição de escravo, voltou a morar no local, Quilombo, com sua família até os últimos dias de sua vida.

1.3. A construção de *Tio Marcos* como sujeito da História de São Pedro de Alcântara: memórias, narrativas e disputas

Ao iniciar este trabalho, deparei-me com questões importantes. A primeira foi conhecer a vida de um ex-escravo, amado e respeitado numa região de imigrantes alemães, numa época que o peso da escravidão persistia e o abandono das autoridades como essas mesmas pessoas deixaram marcas que persiste até os dias de hoje. A segunda é como esse mesmo homem tornou-se personagem principal de uma festa na cidade de São Pedro de Alcântara, município com forte predominância da cultura alemã.

As narrativas sobre o personagem afirmam que Marcos Manuel Vieira foi um escravo que ganhou devoção de uma comunidade essencialmente branca e católica. Conhecido como *Tio Marcos*, era casado com Rita Custodio de Jesus, criou quatro filhas, duas filhas da esposa Rita, Marculina e Maria Pedra e duas filhas de sangue: Gertrudes e Ana.³⁷ Sua filha Maria Pedra foi mãe solteira, deu a luz a filhas gêmeas e apesar dessa situação de jamais ter se casado,³⁸ *Tio Marcos* se manteve tranquilo e cuidou dela e das netas. Ou seja, nas entrevistas feitas há um consenso de valorização do ambiente familiar.

Nas entrevistas e bibliografias analisadas para este trabalho, percebe-se que *Tio Marcos* não era o único negro da comunidade, contudo, mesmo com poucos recursos auxiliava outras famílias, o que chamava atenção e o reconhecimento dessa mesma comunidade. Na sua pesquisa, Andrade entrevistou a filha do *Tio Marcos*, Dona Marculina, que declarava o desejo de que o pai se tornasse santo devido a sua devoção à fé católica que possuía³⁹. Ainda segundo os entrevistados dessa mesma pesquisadora, entre eles Maria

³⁶ HOFFMANN, Priscila Catarina. **Negros de São Pedro**: Experiências das populações de origem Africana no pós-abolição em São Pedro de Alcântara. Florianópolis, 2009, p. 72.

³⁷ ANDRADE, D. M. Entrevista -07/07/1981. In: RITTA, Wanda. **Invisibilidade negra em São Pedro de Alcântara (1880-1889)**. 2003. 69 f. Monografia (Especialização) - Curso de História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003. Cap. 8.

³⁸ VIEIRA, Marculina e STAHELINN, Maria, entrevista concedida a Prof^a Djanira Maria Martins de Andrade e Frei Ático, em 07/07/81. In. ANDRADE, Djanira Maria Martins de. **O Escravo Marcos Manuel Vieira e o Santuário do Bom Jesus da Santa Cruz**, p. 14.

³⁹ *Idem*, p. 12.

Stahelin, *Tio Marcos* não tinha limites na sua fé⁴⁰, pois andava de Santa Teresa até o centro de Florianópolis para acompanhar a procissão de Nosso Senhor dos Passos⁴¹.

Conforme a entrevista que fiz com Eliete Maria Rosa, primeira festeira da festa da Paz e da Fraternidade ou Festa do *Tio Marcos*, ele era um escravo muito ativo e católico⁴². Religioso, possuía um oratório próximo de uma pedra onde existia uma gruta, era lá onde fazia vigília e rezava com seu rosário de sementes e fazia devoção a cruz. *Tio Marcos* recebia visitas frequentemente e não se importava em dar uma pausa em sua oração para narrar seu passado como escravo e falar do sofrimento que passou. De acordo com essas narrativas, possuía zelo por animais de todas as espécies, não tolerava que os maltratassem. Seu animal predileto era o passarinho beija-flor. Segundo Maria Stahelin,⁴³, entrevistada por Djanira Maria Martins de Andrade e Frei Ático Francisco Engy, *Tio Marcos* era carpinteiro, chegando a ir até a cidade de Jaraguá do Sul construir uma casa e um engenho para o irmão de seu patrão chamado Julio Vieira. Essa valorização da forma mítica do *Tio Marcos* vista por alguns entrevistados é uma experiência particular de cada um, mas ao mesmo tempo coletiva, por isso, devemos evitar considerar como história verdadeira, mas como uma versão que precisa ser interpretada e analisada, pois segundo Alberti descreve:

O equívoco está em considerar que a entrevista publicada já é “História”, e não apenas uma fonte que, como todas as fontes, necessita de interpretação e análise. Em nome do próprio pluralismo, não se pode querer que uma única entrevista ou um grupo de entrevistas dêem conta de forma definitiva e completa do que aconteceu no passado.⁴⁴

Como podem ser observados pelas entrevistas, eles transmitem uma experiência coletiva desse personagem chamado *Tio Marcos* que viram em sua trajetória de vida, uma pessoa a ser admirada e referenciada e esse objeto para a História tornou-se importante, já que,

... os historiadores passaram a se interessar também pela vida cotidiana, pela família, pelos gestos do trabalho, pelos rituais, pelas festas e pelas formas de sociabilidade –

⁴⁰ *Idem*, p. 14.

⁴¹ Em 1764 uma embarcação atracou na ilha de Santa Catarina, trazendo a imagem de Jesus Cristo crucificado. Considerado com vontade divina, despertou devoção entre os católicos catarinenses e desde 1766 tornou-se uma tradição a procissão do Senhor Jesus dos Passos. Disponível em: <http://arqui.fln.org.br/festas-e-procissoes/procissao-do-senhor-dos-passos/>. Acesso em: 28 de jun. de 2018.

⁴² ROSA, Eliete Maria. **Entrevista concedida a Helio Samuel de Medeiros**, em 24 de set. de 2017. Acervo pessoal, p. 01.

⁴³ VIEIRA, Marculina e STAHELLINN, Maria. *Ibidem*, p. 23; PEREIRA, Ligia Emilia, entrevista concedida a Prof^a Djanira Maria Martins de Andrade e Frei Ático, 07/07/81. In. ANDRADE, Djanira Maria Martins de. **O Escravo Manuel Vieira e o Santuário do Bom Jesus da Santa Cruz**, p. 05.

⁴⁴ ALBERTI, Verena, 2010, *Op. Cit.*, p. 158.

temas que quando investigados no “tempo presente” podem ser abordados por meio de entrevistas de História oral.⁴⁵

Conforme Djanira M^a M. de Andrade, no tempo da escravidão, as fugas eram constantes por causa dos maus-tratos e pelo desejo de liberdade⁴⁶. Com *Tio Marcos* não foi diferente, pois ele fugiu várias vezes dos seus donos porque era muito maltratado. Quando os donos queriam castigá-lo o colocavam na canga juntamente com os animais para moer cana, conforme afirma a entrevista de Paulina Clasen⁴⁷. As narrativas descrevem que seus donos depositaram o corpo de um escravo junto aos bagaços de cana e que o braço do escravo foi moído na máquina de engenho, chegando a saltar o coração fora do peito. Tragédia que se deu por ser o dia do Coração de Jesus.

Há narrativas que afirma que, em uma de suas fugas, ficou foragido por dois meses, só se alimentando de palmito cru. Fez uma promessa que se saísse do mato ergueria uma cruz e faria uma novena. Quando saiu do mato, pagou sua promessa construindo uma cruz de madeira que carregou passando por um rio até a cintura. Segundo Paulina Clasen: "(...) daí ele veio botô nas costas, passou dentro do rio um caule dentro do rio... naquele tempo não tinha ponte não tinha nada, né? Aí passou dentro do rio, com a cruz nas costa... até aqui assim de água,"⁴⁸

Essa afirmação também é comprovada pelas declarações de Apolonia Schmitt:

Então ele andava no meio do mato, passou muita fome e aí ele prometeu: se ele saísse e achasse o caminho para ele sair certo, ele fazia uma cruz de madeira e colocava num local ali... isso ele falou pro meu pai, na casa do meu pai, eu me lembro disso...⁴⁹

Declarações que constroem *Tio Marcos* como um mártir, e fizeram sua fama em vida⁵⁰, são bastante recorrentes, sendo que o maior incentivador da construção deste mártir é Frei Ático.

Como muitos dos escravizados no contexto do pós abolição, ficou sem recursos e partiu para monocultura, plantando mandioca. De acordo com as narrativas sobre ele, juntamente com a idade, chegaram os problemas de saúde, pois, sua coluna, muito

⁴⁵ *Idem*, p. 163.

⁴⁶ ANDRADE, Djanira Maria Martins de. **O Escravo Marcos Manuel Vieira e o Santuário do Bom Jesus da Santa Cruz**. Prefeitura Municipal de São José, 1988, p. 10.

⁴⁷ VIEIRA, Marculina e STAHELLINN, Maria, *Idem*, p. 15 e 16.

⁴⁸ *Idem*, p. 15.

⁴⁹ Apolonia Schmitt, *Op. Cit.*, p. 02

⁵⁰ CARVALHO, José Murilo de. Tiradentes: Um herói para a República. In: C CARVALHO, José Murilo de. **A formação das Almas: O imaginário da República no Brasil**. 2ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p. 55.

prejudicada fazia *Tio Marcos* caminhar de forma curvada. Quando ficou doente, foi acometido por uma doença nos pés⁵¹. Idoso e impossibilitado de descer o Morro do Quilombo, as pessoas o visitavam e levavam presentes para ele. Conforme Paulina, "(...) tinha uma época, que acho que era semana santa e às vezes a gente levava, algum presente lá prá ele, né?"⁵². Essa consideração da população alcantareense também pode ser confirmada pela entrevistada, Maria Stahelin: “Quando ele tava doente, pro pessoal subir o morro e carregá não foi moleza” e “ Era pão, carne, era açúcar, que mais ele gostava de ganhá.”⁵³

Segundo, Apolônia Schmitt, conforme entrevista feita pela pesquisadora Djanira, *Tio Marcos*⁵⁴ trabalhou como carpinteiro onde obteve as habilidades para construir a cruz de madeira em homenagem ao Senhor Bom Jesus. Tendo colocado na igreja após sua libertação da condição de escravo, levou a cruz nos seus ombros do Morro do Quilombo até a pequena igreja que existia em Santa Teresa.

Figura 07 - Cruz do *Tio Marcos* no Vira Copos



Fonte: foto do autor - 22 de setembro de 2018

⁵¹ Segundo Piazza, o negro possuía uma série de doenças oriunda do continente negro e a doença chamada “ainhum” é uma delas. Segundo as entrevistas, o Tio Marcos foi acometido por essa doença, o que levou a amputação dos seus pés para tentar deter a evolução da doença. Ver em RITTA, Wanda, 2003. *Idem*, p. 21.

⁵² VIEIRA, Marculina e STAHHELLINN, Maria, *Idem*, p. 20.

⁵³ *Idem*, p. 21.

⁵⁴ FELICIO, Tomaz e PEREIRA, Lúcia, entrevista concedida a Profª Djanira Maria Martins de Andrade e Frei Ático, em 07/07/81. In. ANDRADE, Djanira Maria Martins de. **O Escravo Marcos Manuel Vieira e o Santuário do Bom Jesus da Santa Cruz**. Prefeitura Municipal de São José, 1988, p. 5.

Toda essa dedicação teria comovido a comunidade. Frei Ático, que havia chegado à localidade de Santa Tereza, soube da história de vida do ex-escravo e de imediato dedicou-se a criar uma maneira de homenageá-lo e com auxílio da comunidade transportou seus restos mortais para frente do Santuário. Tiago Manoel de Souza, entrevistado pela pesquisadora Priscila Hoffmann, disse que o Frei lhe confidenciou o seguinte desejo: "(...) olha vou fazer o santuário, vou fazer uma imagem de *Tio Marcos* e bota ali na igreja (...)"⁵⁵.

Quando se fez o transporte da ossada, junto a ela se encontrava três terços produzidos por *Tio Marcos* a base de sementes, como pode ser comprovado pela fala de João Costa, morador de São Pedro de Alcântara e que ajudou o Frei Ático a transportar os restos mortais do *Tio Marcos* para a Igreja:

Foi então que o frei, com ajuda de João Costa – aquele que, quando menino, gostava de ouvir as histórias do escravo valente – pegou os restos mortais do homem e levou para a igreja. João conta que quando abriram a vala, além dos ossos, havia sobrado apenas três terços que o próprio tio Marcos fazia com sementes. “Gostava de estar com ele principalmente pelas histórias, lembro que ele também ensinava como forneava farinha na roça. Ele era valente, sabia que ia sofrer”, recorda Costa.⁵⁶

Sobre o terço e religiosidade de *Tio Marcos*, João Junks Jr descreve: "Ele quase sempre, principalmente depois de certa idade em diante, a gente chegava lá e domingo ele sempre estava sentado por lá na chácara com o rosário, com o terço na mão, rezando terço."⁵⁷ Mais uma prova de sua religiosidade,⁵⁸ que reforçou a ideia de se referendá-lo como santidade por parte dos populares. Por isso, a imagem de *Tio Marcos* que fica em frente ao Santuário da comunidade de Santa Teresa é a mais pura representação da Festa e dessa devoção pela fé católica, por meio de uma imagem em que ele é representado com um terço nas mãos.

⁵⁵ SOUZA, Tiago Manoel de, 96 anos. Entrevista realizada no dia 09 de Fevereiro de 2009, Santa Tereza, São Pedro de Alcântara. In. HOFFMANN, Priscila Catarina. **Negros de São Pedro**: Experiências das populações de origem Africana no pós-abolição em São Pedro de Alcântara. Florianópolis, 2009, p. 80.

⁵⁶ MATHIAS, Letícia. **Monumento em São Pedro de Alcântara homenageia escravo negro na primeira colônia alemã do Estado**. Notícia do Dia, Florianópolis, 24 de nov. 2014. Disponível em: <https://ndonline.com.br/noticias/monumento-em-sao-pedro-de-alcantara-homenageia-ex-escravo-negro-na-primeira-colonia-alema-do-estad/>. Acesso em: 01 de fev. 2019.

⁵⁷ JÚNIOR, João Junks e JUNKS, Apolônia O., entrevista concedida a Profª Djanira Maria Martins de Andrade e Frei Ático, em 07/07/81. In. ANDRADE, Djanira Maria Martins de. **Vida do ex-escravo “Marcos Manuel Vieira – Tio Marco”**. Laboratório de História Oral – LHO, p. 06.

⁵⁸ ANDRADE, D. M. Entrevista -07/07/1981. In: RITTA, Wanda. **Invisibilidade negra em São Pedro de Alcântara (1880-1889)**. 2003. 69 f. Monografia (Especialização) - Curso de História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003. Cap. 8, p. 18.

Figura 08 - Imagem do Tio Marcos com era no princípio



Fonte: foto do autor, 26 de maio de 2013

Porém, com o passar dos anos, a imagem sofreu algumas transformações. No início era toda pintada de preto (Fig. 8), de pés descalços que deixa claro que, apesar de ser liberto, *Tio Marcos*, assim como tantos outros negros, tinha como sinal de ser escravo estampados em suas vestes e suas maneiras de ser, como pode ser comprovada pela fala da entrevista Lourdes: "A roupa que ele gostava. Gostava de ter uma calça azul, gostava de ter uma camisa branca, como ele gostava. O meu marido conheceu. Foi criado em São Pedro. Pela idade conheceu Tio Marcos."⁵⁹

⁵⁹ FARIAS, Elisabete Cecília, FARIAS, Elizio José e FARIAS, Maria de Lourdes. **Entrevista concedida a Helio Samuel de Medeiros**, em 03 de out. de 2018. Acervo pessoal, p. 15-16.

Figura 09 - Imagem do *Tio Marcos* na frente do Santuário



Fonte: foto do autor - 08 de novembro de 2016

Depois de uma forte insistência de um grupo de negros liderados pela primeira festeira, Dona Eliete e seus familiares, a imagem começou a tomar uma nova forma, (Fig. 09). Porém, antes de ficar com o feitiço atual havia a necessidade de uma preparação da pintura que ficou com fundo branco (Fig. 10).

Figura 10 - A imagem com o fundo branco para pintura final



Fonte: foto do autor - 17 de maio de 2015

Como não houve a divulgação de tal processo, imaginou-se que a estatua tinha sido alvo de vandalismo. Só de imaginar tal atitude trouxe um enorme espanto aos moradores e admiradores de *Tio Marcos*. Segundo José Medeiros: "Foi meio estranho porque a gente viu que estava de branco, o pessoal ficou meio espantado, achando que havia uma sacanagem e a gente ficou espantado porque logo pensamos que não foi bem interpretado e até a gente não sabia que se tratava de uma reforma."⁶⁰ A repercussão foi imediata, ao ponto de a imprensa dar destaque nos seus editoriais. Uma emissora de televisão fez uma reportagem para esclarecer os fatos.

Vale ressaltar que, junto à imagem, há uma soma significativa de placas de agradecimento por graças alcançadas que surgem inesperadamente. Dona Lourdes foi uma das contempladas com essa graça e por esse motivo, assim como demais pessoas, providenciou placas de agradecimentos a *Tio Marcos*: "Uma graça que pedi e fui muito bem alcançada. Uma das primeiras graças alcançadas. Mandei fazer um quadro."⁶¹

Figura 11 - Placas de agradecimentos das graças alcançadas



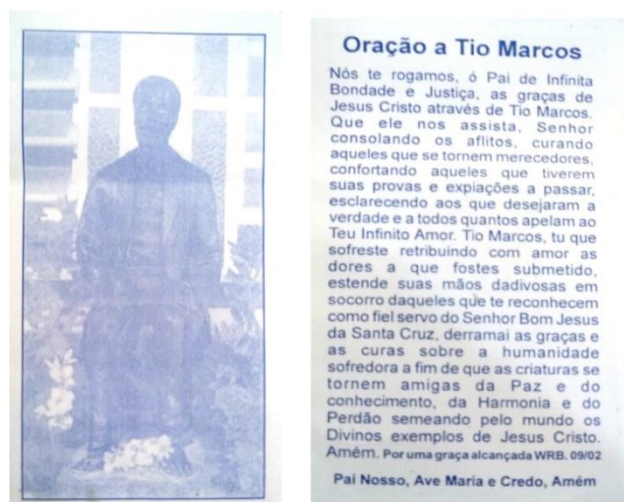
Fonte: fotos do autor - 17 de maio de 2015

Assim como as placas de agradecimentos, anônimos produziram e distribuíram orações de devoção ao ex-escravo. Em visita a residência a Dona Lourdes fui presenteado com uma oração e ao ser questionada da autoria e da confecção do material, a mesma não soube precisar quem o fez.

⁶⁰ MEDEIROS, José. **Entrevista concedida a Helio Samuel de Medeiros**, em 06 de out. de 2018. Acervo pessoal, p. 09.

⁶¹ FARIAS, Elisabete Cecília, FARIAS, Elizio José e FARIAS, Maria de Lourdes. **Entrevista concedida a Helio Samuel de Medeiros**, em 03 de out. de 2018. Acervo pessoal, p. 05.

Figura 12 - Oração frente e verso do folheto do *Tio Marcos*



Fonte: fotos do autor - 13 agosto de 2018

1.4. Vida e obra de Frei Ático: idealizador da Festa da Paz e da Fraternidade

Para entender a real importância da figura de Frei Ático, busquei dialogar com os primeiros festeiros, bem como os atuais. Porém minha principal fonte foi um material cedido pelo professor do Centro Universitário Municipal de São José, USJ, Eugênio Pereira, diácono de Santa Tereza. Material este escrito por Frei Clarêncio Neotti⁶², por meio do qual conheci mais sobre a vida do Frei Ático, conseguindo compreender seus objetivos e as consequências da influência dele na Festa.

Por causa desse material percebi que Frei Ático Francisco Eyng, idealizador da Festa da Paz e da Fraternidade ou Festa do *Tio Marcos*, era um sacerdote dinâmico e de visão ambiciosa. De origem germânica, seus antepassados se instalaram inicialmente em Teresópolis (SC), mas o local de nascimento do Frei Ático foi o município de Rio Bonito (SC), no dia 03 de dezembro de 1912, vindo a falecer em Florianópolis no dia 03 de abril de 1996. Nasceu no dia do padroeiro do lugarejo, por tal coincidência foi batizado com o nome de Francisco Xavier.

De acordo com as narrativas sobre o Frei Ático, por seus familiares não terem obtido êxito na agricultura, se deslocaram para São Bonifácio e mais tarde para São Martinho mais ao sul do estado. Era o quinto filho de 11 irmãos sendo que 07 eram homens e 04 mulheres. Sua infância se deu aos moldes do período que vivia com muita religiosidade, tanto dos pais

⁶² NEOTTI, Frei Clarêncio. Frei Ático Francisco Eyng, O. F. M. Revista Vida Franciscana, São Paulo, Editora Província Franciscana da Imaculada Conceição, Ano LIII, nº 70, 1996, p. 169-190.

quanto dos educadores. Iniciou sua vida religiosa no Seminário São Luis de Tolosano (Rio Negro, SC) no dia 02 de janeiro de 1926, juntamente com vários colegas das séries iniciais. Por meio de um convênio da Província de Santa Cruz da Saxônia com a Província da Imaculada Conceição do Brasil, partiu para Holanda, chegando ao Colégio de São Luis de Vlodrop em 11 de julho de 1927 e lá permanecendo até 18 de julho de 1932.⁶³

Não conseguiu se formar no ensino secundário, pois adoeceu gravemente. Por tal motivo, retornou diretamente para Forquilha (SC), ao invés de se dirigir ao seminário de Rio Negro, já que, sentia dificuldade para retornar a vida de religiosidade. Voltou ao Seminário e em 19 de dezembro de 1932 recebeu o hábito franciscano, sendo que o nome de Frei Ático foi uma referência ao mártir da Frigia, vindo a ordenar-se em 27 de dezembro de 1938. Logo após iniciar sua caminhada como protagonista de uma vida cheia de desafios, juntamente com sua turma de formandos construiu a Gruta de Nossa Senhora e o aquário no Morro do Convento em Petrópolis.

Segundo Neotti⁶⁴, após uma breve dúvida sobre a continuar ou não com sua vida religiosa, o Frei Ático, dedicou-se a sua fé, uma dúvida que permeia os religiosos. Ainda citando Neotti, procurou constantemente projetos para as comunidades nas quais morou. A meu ver, esses constantes projetos era uma forma de não perder sua fé e manter uma mente, que parecida, imaginativa e muita ativa. Foi nomeado guardião do convento de Petrópolis (RJ) em 29 de janeiro de 1941 e junto com a nomeação foi designado para ser Diretor da Escola Gratuita de São José, Diretor da Editora Vozes e Reitor da Igreja do Sagrado Coração de Jesus, ou seja, tornou-se o guardião da mais numerosa fraternidade da província do Rio de Janeiro. Teve papel de destaque na realização do Congresso Eucarístico do Centenário de Petrópolis (1943), como primeiro vigário da Paróquia do Sagrado Coração de Jesus. Em janeiro de 1948 foi transferido para Amparo (SP). Conseguiu no final do mesmo ano ser transferido para Santo Antônio de Pari como diretor do colégio da cidade. Em 27 de julho de 1956, mais uma vez, foi transferido para Nilópolis (RJ) para ser Superior da Casa e Pároco, lá celebrou seus 25 anos de sacerdócio no dia 27 de novembro de 1964.

Entre tantos atos podemos destacar também a fundação do Instituto das Irmãs Paroquianas de São Francisco. Renunciou ao cargo de superior da fraternidade em 25 de julho de 1969 e recebe a transferência para Luzerna (SC) como cooperador. Em Santa Catarina, aperfeiçoou seu método de alfabetização "Método Fonético Global Comunitário". Com auxílio de profissionais testou em crianças de 06 a 07 anos, onde obteve êxito, porém não

⁶³ Idem, p. 172.

⁶⁴ Idem, p. 172.

conseguiu convencer a Secretaria de Educação de Santa Catarina e a Editora Vozes, à qual pleiteou a impressão e divulgação de sua cartilha. Chegou a Florianópolis em fevereiro de 1972, mas recebeu a transferência somente em janeiro de 1974. No dia 23 de dezembro de 1975 assume a Capelania da Colônia Santa Teresa e lá permaneceu por 20 anos.⁶⁵

Segundo as pesquisas feitas, o Frei Ático, tinha um espírito empreendedor que apareceu em vários momentos de sua vida, pois, o mesmo parecia gostar de inventar, construir e aprender, como pode ser observado pelos desenhos e elaboração de plantas de casas e igrejas. Foi em 1979 que encampou a ideia da celebração do centenário da abolição da escravidão juntamente com a criação do Santuário, colocando o *Tio Marcos* como protagonista desse evento.

No princípio, o Frei enfrentou a resistência da Igreja Católica para colocar a imagem de *Tio Marcos* em frente ao Santuário. Segundo Maria Lausa Santana Coelho,

... porque ele botou a estatua do Tio marcos ali, ali não era lugar para aquela estatua , a igreja contestou um pouco isso. Porque na opinião dele, Tio Marcos era um Santo, ele meio que canonizou, ele meio que colocou na cabeça do povo, o Tio Marcos como um santo, santo padroeiro dos negros.⁶⁶

Segundo Frei Ático, *Tio Marcos* "Ansiava pela libertação. Lutou e sofreu, fazendo resistência passiva e pacífica."⁶⁷ Essa forma de luta pela liberdade vai de encontro ao momento que a Igreja Católica estava passando, como pode ser comprovado pelo Concílio do Vaticano II, convocado pelo Papa João XXIII para renovação da Igreja. Um dos pontos importantes dessa renovação foi a dedicação da Igreja para as questões sociais. Existiam grandes movimentos de mudanças a nível mundial e a Igreja Católica não ficou a margem desses movimentos, tais com industrialização, duas grandes guerras, mudanças de comportamentos e pensamentos. Toda essa conjuntura fez com a Igreja percebe-se que precisava também passar por mudanças.

Com a morte de Pio XI e Pio XII, assume o cardeal Ângelo Roncalli, o João XXIII que convocou o Concílio II que, para uma parcela eclesiástica, era somente a continuação do Concílio de Trento e Concílio I; para outros era uma novidade.⁶⁸ Contudo, o Papa João não

⁶⁵ Idem, p. 180.

⁶⁶ COELHO, Maria Lausa Santana, 74 anos. Entrevista realizada no dia 14 de janeiro de 2009, Centro, São Pedro de Alcântara. HOFFMANN, Priscila Catarina. **Negros de São Pedro: Experiências das populações de origem Africana**

a no pós-abolição em São Pedro de Alcântara. Florianópolis, 2009, p. 77.

⁶⁷ NEOTTI, Frei Clarêncio. *Op.Cit.*,187.

⁶⁸ LIBANIO, João Batista. **Concílio Vaticano II: Em busca de uma primeira compreensão**. São Paulo: Editora Loyola, 2005, p. 9.

viu as mudanças que propôs ser finalizada. Faleceu em 03 de junho de 1963, cabendo ao Papa João Paulo VI a continuidade do Concílio.

No Brasil, a instalação da ditadura civil-militar (1964), principalmente a partir da década de 1970 impôs a Igreja Católica uma posição a respeito do contexto vivido pelos brasileiros:

O referido cenário da década de 1970 impele uma postura mais combativa à Igreja Católica brasileira. O caráter de resistência ao regime civil-militar permite vislumbrar um posicionamento de defesa assumido em prol dos direitos humanos e dos pobres. Dessa forma, nos espaços públicos, a Igreja, através das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), atuará na perspectiva de uma restauração do tecido social, bem como na consolidação de seu comprometimento com as classes populares. A dimensão religiosa e social alcançará um novo patamar através das CEBs e de seu esforço na luta pela garantia aos direitos de cidadania⁶⁹

A partir dessas conjunturas mundiais e brasileiras, a Igreja através dos seus membros e entidades como a CEBs e a Pastoral Afro-brasileira⁷⁰, influenciaram a comunidade brasileira, principalmente no aspecto dos movimentos sociais que requeriam direitos, a partir da década de 1970, e nesse grupo, a questão negra também obteve destaque.

Esta empreitada também teve como protagonista a Igreja Católica, ou, pelo menos, parte dela. Suas ações manifestaram-se através de bispos, padres, religiosos e muitos leigos que participaram dos embates sociais a favor dos negros, dos indígenas e dos sem-terra. Parte significativa do arcabouço teórico discursivo dessa conjuntura constituiu-se em sintonia direta com as Conferências Episcopais de Medellín (1968) e Puebla (1979), onde a opção pelo pobre efetivou-se enquanto principal destinatário do evangelho.⁷¹

Esse contexto nos ajuda a compreender e interpretar a visão de Frei Ático sobre a figura do *Tio Marcos* como uma bandeira para a luta das questões negras. Ele elaborou projetos, provocou debate com bispos, inclusive propôs a vinda do Papa João Paulo II para o evento. Nomeou e presidiu comissões, fazendo a celebração de destaque naquela comemoração. Também utilizou a imprensa para angariar simpatia para sua causa, através de um artigo publicado pelo Frei Elzeário Schmitt no jornal Estado de Santa Catarina em 20 de maio de 1988: "Não se tratava de construir mais uma igreja, se não uma igreja monumento

⁶⁹ BAPTISTA, Ronaldo Pimentel. **Da Pastoral Afro-Brasileira à Campanha da Fraternidade de 1988**: uma Análise Discursiva das Questões Raciais ao interior da Igreja Católica. 2014. Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de Pós-Graduação em Relações Étnico-raciais do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, CEFET/RJ. Rio de Janeiro, 2014, p.37. Disponível em: <http://www.cnbb.org.br/a-caminhada-da-pastoral-afro-brasileira-2/>. Acesso em: 28 de mai. 2019.

⁷⁰ Segundo a CNBB, Pastoral Afro-brasileira nasceu da necessidade de negros católicos de obter representatividade na vida e missão da Igreja Católica, encontrando espaço de reflexão, articulação e diálogo na missão de evangelização. Disponível em: <http://www.cnbb.org.br/a-caminhada-da-pastoral-afro-brasileira-2/>, 02 de mai. de 2018. Acesso em: 28 de mai. 2019.

⁷¹ BAPTISTA, Ronaldo Pimentel. 2014, *Idem*, 40.

que cristalizasse uma idéia diferente, seguimento da sociedade humana pouco atendido."⁷² O Frei Elzeário ainda destaca a ideia do Frei Ático em fazer o painel na frente do Santuário sendo uma alusão a tela de Esteban Murillo (1617/1682) onde São Francisco de Assis abraçado a Cristo crucificado desprende o braço direito da cruz para receber o abraço. O monumento na entrada do santuário representa todos os escravos libertos.

Figura 13 - Imagem da crucificação de Cristo



Fonte: foto do autor - 17 de maio de 2015

Na entrevista de Donato Schmitt, como também para Tomás Felício Pereira, se destaca o empenho do Frei em referendar a figura de *Tio Marcos* para construção do Santuário e da Festa da Paz e da Fraternidade⁷³. A placa de agradecimento ao Frei por ter se empenhado, demonstram o envolvimento na comunidade.

⁷² SCHMITT, Elzeário. **O ESTADO DE SANTA CATARINA**. Santa Catarina, 20 de mai. de 1988.

⁷³ SCHMITT, Donato e Apolonia entrevista concedida a Prof^a Djanira Maria Martins de Andrade e Frei Ático, em 07/07/81. In. ANDRADE, Djanira Maria Martins de. **O Escravo Marcos Manuel Vieira e o Santuário do Bom Jesus da Santa Cruz**, p. 02 e FELICIO, Tomaz e PEREIRA, Lúdia, entrevista concedida a Prof^a Djanira Maria Martins de Andrade e Frei Ático, em 07/07/81. In. ANDRADE, Djanira Maria Martins de. **O Escravo Marcos Manuel Vieira e o Santuário do Bom Jesus da Santa Cruz**, p. 06.

Figura 14 - Placa de agradecimento ao Frei Ático Francisco Eying



Fonte: foto do autor - 17 de maio de 2015

Assim como *Tio Marcos*, Frei Ático tem seus restos mortais depositados no Santuário, porém no lado de dentro.

Levando em considerações todos os aspectos que envolvem a vida desses dois personagens envolvidos nessa pesquisa, percebe-se que, de acordo com as narrativas sobre eles, a fé os movia. Um pelo desejo da libertação de uma vida de escravidão e a gratidão, pois acreditava que a devoção aos santos católicos, nesse caso, a santa cruz, conseguiu quebrar as correntes que envolvia sua vida desde que nasceu. Já Frei Ático era um visionário e não se contentava com a vida de um frei, ou seja, queria desenvolver na comunidade a qual estava designado algumas ações, que podemos pensar como melhorias ou uma tentativa de criar algo para deixar como legado para posteridade.

Por isso, no segundo capítulo dessa pesquisa, irei tratar da Festa da Paz e da Fraternidade ou Festa do *Tio Marcos*, como foi seu começo, as dificuldades e desafios para conseguir criar uma festa com o reconhecimento de autoridades, refletindo e problematizando o seu esquecimento e/ou a pouca divulgação que existe nos dias atuais.

CAPÍTULO 2: A FESTA DA PAZ E DA FRATERNIDADE OU FESTA DO TIO MARCOS: FESTEJOS E MEMÓRIAS DA FESTA

2.1. Festejos Populares

O estudo dos festejos populares é um campo promissor para a pesquisa em Ciências Humanas. Examinar o contexto sócio-histórico em que emergem eventos festivos desvenda a ocorrência de fortes trocas sociais, que não se sintetizam as trocas baseadas no contato entre os indivíduos no interior do evento. “Elas podem ir mais longe e tendem a abranger no meio urbano, por exemplo, as relações entre grupos de vizinhanças, e poder público, entre promotores de eventos e políticos, autoridades religiosas, agentes dos meios de comunicação, entre outros.”⁷⁴

Para o campo da história, até meados do século XX, os festejos não foram estudados como o devido rigor historiográfico e quando havia algum interesse por esse tema era somente por que envolvia comemorações cívicas ou relacionadas à história da nação. Mas como o advento da História Cultural francesa, os historiadores debruçaram sobre temas como os dos festejos. Para Albuquerque, as festas (...) são históricas e feitas de histórias individuais e coletivas⁷⁵. A história não deveria tomar as festas apenas como objeto de estudo, a história deveria tomar as festas como inspiração, como um modo de ser e fazer. Por isso, podemos pensar a festa como lugar de embate, de enfrentamentos, sociabilidades, poder, ou seja, um campo fértil para o estudo historiográfico.

As festas em comemoração aos 13 de maio de 1888 - Abolição da Escravatura Brasileira e data escolhida por Frei Ático como o dia de início da Festa da Paz e da Fraternidade ou Festa do *Tio Marcos* em 13 de maio de 1988 -, são poucas lembradas, mas são eventos intensos e marcantes, visto que essa data foi utilizada em diversas ocasiões como um dia a ser comemorado, já que, segundo Martha Abreu e Hebe Mattos, foi utilizado (...) ao longo das primeiras décadas do século XX, como um dia importante para reflexões e denúncias sobre a situação dos negros⁷⁶. Por isso, esse estudo propõe justamente contribuir com a questão das festas e de homenagem ao um homem negro como é o caso da Festa da Paz e da Fraternidade e do *Tio Marcos*.

⁷⁴ COSTA, Antônio Maurício Dias da. **Festa de santo na cidade**: notas sobre uma pesquisa etnográfica na periferia de Belém, Pará, Brasil. Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum., Belém, v.6, n. 1, p. 197-216, jan.-abr. 2011, p. 198.

⁷⁵ ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M., 2011, Op. Cit., p. 148.

⁷⁶ MATTOS, Hebe e ABREU, Martha. **Festas, patrimônio cultural e identidade negra. Rio de Janeiro, 1888 ?**, 2011. Artelogie (Online), v. 4, p. 178, 2013.

As festas estão unidas por meio da cultura de matriz africana. O batuque, o carnaval, e nesse trabalho, as festas religiosas. Essas festas tornaram-se populares e para Costa:

... de caráter massivo que possuem roupagem religiosa são dotadas de um perfil singular. A efervescência festiva emula o paroxismo dos eventos rituais. A festa popular com tônica religiosa alia o sentido solene ao divertimento público, despido da seriedade ritualística. Ela assume um papel importante na manutenção da solidariedade grupal e no reforço dos laços internos do grupo religioso. Além disso, nas condições contemporâneas, ela engendra outros desdobramentos relevantes: repercussão nos meios de comunicação, associação com atividades econômicas, apropriações diversas de sua representatividade social etc.⁷⁷

A concepção de tomar o caboclo, o matuto, o homem do campo, como o personagem típico da cultura brasileira se desenvolveu em diversas direções nas primeiras décadas do século XX. A figura rústica do homem do campo foi assinalada por certa ambiguidade. Estudos dos folcloristas deste período destacavam a originalidade criativa camponesa (músicas, danças, folguedos, rituais, etc), tida nos registros e ensaios folclóricos como manifestação sociocultural em vias de extinção⁷⁸.

Ampliar o sentido lúdico/devocional das festas em homenagem a santos padroeiros no meio urbano aponta “(...) a existência de uma habilidade marcante em assimilar inovações na forma de festejar. Ao mesmo tempo, o processo de modificação dos festejos acompanha a complexidade do jogo de relações sociais travadas no contexto de uma grande cidade ou de um bairro...”⁷⁹

Outras personagens se incorporam ao evento (sujeitos interessados no festejo): políticos que buscam projeção por meio do patrocínio da festa; divulgação de seu nome em faixas (espaço para publicitário e afins); rádio difusão; locução de carros de som (percorrem diariamente o bairro e as adjacências com dias de antecedência do evento); comerciantes de estabelecimentos (concorrem diariamente com o comércio informal), etc.

Com a colonização, o Brasil recebeu uma gama de tradições advindas de diversas partes da Europa e da África. Conjuntamente, as festas fazem parte relevante dessa herança cultural. Conforme Lavezzo: “toda cultura absorve, assimila e elabora os traços de outra cultura quando estes encontram uma possibilidade de ajuste aos seus quadros de vida’. Nesse sentido, o diálogo da herança ibérica com a cultura africana e indígena resultou numa gama de manifestações populares”.⁸⁰

⁷⁷ *Idem*, p. 198.

⁷⁸ *Idem*, p. 198.

⁷⁹ *Idem*, p. 213.

⁸⁰ LAVEZZO, Catarina de Queiroz, 2003, *Op. Cit.*

Inúmeras são as festas que ocorrem em solo brasileiro. A vida cultural foi, desde a Colônia, muito movimentada com comemorações festivas que marcam expressivamente o contato entre as pessoas. As festas fossem elas religiosas, cívicas ou profanas, segundo Lavezzo, marcavam o calendário social e gerava uma quebra de distanciamento entre as classes sociais, promovendo laços na sociedade brasileira. As festas podem ser utilizadas para diversos fins, por isso, não havia somente um sentido, intenções ou direção. E era um (...) momento esperado, desejado, carregado de tensão e alegria na expectativa de um "outro mundo", de espaço e de um tempo diferente do cotidiano, no qual as pessoas que dela participam investem de significados sua vivência (...) ⁸¹ e podia ser caracterizados de diversas maneiras: festas de caráter cívico, religioso ou profanos.

No tocante a conceituar festas cívicas, festas religiosas e festas profanas, no descrever do trabalho de pesquisa de Lavezzo, ele descreve que:

As festas cívicas eram festas oficiais determinadas pela Coroa ou pelas autoridades locais. Eram espetáculos que tomavam as ruas e seduziam o seu público, espetáculos que alegravam, divertiam e educavam. Difundiam e criavam valores e sentimentos políticos a partir de suas representações discursivas, alegóricas, simbólicas e gestuais. ⁸²

No tocante as festas religiosas, num país escravocrata, fortemente hierarquizado, as festas dos “brancos” (da elite), ocorriam, muitas vezes, no interior dos palácios e teatros (bailes e saraus), enquanto que as festas dos “negros” e da massa popular em geral aconteciam nas ruas das cidades e nas senzalas das fazendas. “O espaço físico dessas festas era estritamente demarcado. Somente aos dias de festa religiosa que vários grupos sociais convergiam em um mesmo espaço” ⁸³

Comemorações cívicas também aconteciam nas ruas, entretanto, nessas ocasiões, o povo era antes espectador. “Essa posição mais passiva da massa popular invertia-se na ocasião de procissões e festejos onde o público se transformava em parte integrante do cortejo: reis ou rainhas, em meio a enredos religiosos, contavam histórias desta terra, de sua população e de seu destino. ⁸⁴

Segundo Lavezzo, em tais momentos, os:

... negros convertidos ao catolicismo acabavam se valendo das festas e procissão religiosas para criar elementos de identificação: aderem aos rituais católicos, mas,

⁸¹ *Idem*, p. 28.

⁸² *Idem*, p. 34.

⁸³ *Idem*, p. 37.

⁸⁴ *Idem*, p. 37.

introduzem aspectos da cultura africana também. [...]. ‘trazendo de longe a tradição das procissões, essas populações recriavam nas ruas seus antigos reinados’. Além da mistura de camadas sociais, causava estranhamento à ostentação das roupas e gestos, a sensualidade e a alegria. Supõe-se que, nesses locais, o "sentimento religioso ou cívico" passava ao largo e as comemorações se transformavam em pretexto para o exercício da sociabilidade”⁸⁵

No tocante as festas profanas, se o calendário oficial causava espanto, o que dizer dos rituais populares. Dentre as festas não religiosas, uma das que mais chamava atenção e também uma das mais difundidas é o batuque. “Trata-se de uma dança que ocorria em ocasiões especiais como casamentos e coroações, e também em noites comuns. O batuque na visão dos estrangeiros era visto como uma dança lasciva e imoral.”⁸⁶

Os batuques podem ser relacionados com as manifestações culturais negras como o carnaval e as festas das Irmandades Negras que misturavam a elementos da cultura religiosa católica. Dentre as festas não religiosas, além do batuque, destacam-se também o entrudo e o carnaval. Quando família real aportou no Brasil, trouxe consigo as festas que faziam parte das elites, contudo, o carnaval era e é associado à mestiçagem, a música e dança negra, num ambiente que misturava o Brasil e a África⁸⁷.

Ainda no tocante as festas, Lavezzo esclarece:

A festa cumpre algumas funções e não pode ser vista apenas como um instrumento a ser utilizado por um segmento social ou pelo Estado para um determinado fim. A festa além desses componentes, diversão, controle e resistência, é marcada pelo onírico e faz parte da tentativa de criar um sentido para o viver humano. A festa possui uma multiplicidade de usos, intenções e sentidos. A festa é uma atividade social agradável e sendo agradável, é recordada na memória e antecipada na imaginação e tende, pois, a repetir-se no tempo. Não há dúvida de que a festa, seja qual for a forma que assume, está associada à fruição de um certo prazer. A festa é também um momento de gratuidade, momento de alegrias e prazeres que muitas vezes escapa das mãos desse mesmo poder que se ostenta na festa.⁸⁸

Para Silva:

Com certeza ela é isto, mas não somente, pois, quando apenas olhamos este conceito dentro de si mesmo – a festa pela festa – corremos o risco de deslocá-lo de seu contexto. Sendo assim, é preciso ligar o momento da festa ao cotidiano de suas relações sociais, como um produto de ação coletiva bastante significativa para seus participantes.⁸⁹

⁸⁵ *Idem*, p. 37-38.

⁸⁶ *Idem*, p. 41.

⁸⁷ MATOS, Maria Izilda S. e SOIHET, Rachel. O corpo feminino em debate.

⁸⁸ *Idem*, p. 44-45.

⁸⁹ SILVA, Jaime José S. **As festas do tempo da escravidão em Santa Catarina**: lembranças e aspirações em torno da devoção a Nossa Senhora do Rosário. In: XXVII Simpósio Nacional de História: Conhecimento histórico e diálogo social / ANPUH-Brasil, 2013, Natal. Anais eletrônicos. São Paulo: Associação Nacional de História - ANPUH/Brasil, 2013. v. 1. p. 2-17, p. 1.

Esta definição geral pode ser utilizada, conforme Silva:

... para pensarmos infinitas manifestações festivas, que vão desde concertos musicais, passando pelas festas de comemorações cívicas até chegarmos às de cunho religioso, entre outras. Apesar de distintas, todas estas manifestações possuem um trabalho social e cultural específico, produto de uma coletividade que reflete os anseios e as expressões da sociedade sobre si. Tentar desvendar suas definições é um convite para nos depararmos com nossos valores e com nossa visão de mundo, pois o que pode ser uma festa para uns, pode não ser para outros.⁹⁰

Para Guarinello, nenhuma festa é desprovida de sentido e elas não surgem do nada, “elas são laboriosamente e materialmente preparadas, custeadas, planejadas, montadas, segundo regras peculiares a cada uma e por atividades efetuadas no interior da própria vida cotidiana, da qual são necessariamente o produto e a expressão ativa”.⁹¹

Para Silva, essas interpretações ajudam a pensar as questões do protagonismo negro em Santa Catarina e perceber como essas festas são elaboradas e reelaboradas depois do fim da escravidão no Brasil. Assim, é preciso entender essas festas sob outros ângulos⁹². Silva complementa sua posição no tocante as produções recentes sobre a escravidão em Santa Catarina:

... nos auxiliam para o melhor entendimento sobre a instituição da escravidão no Estado, principalmente durante o século XIX. Compostos por uma gama de trabalhos que apontam um cotidiano plural na relação dos povos africanos e seus descendentes com a sociedade catarinense, estas novas interpretações jogam uma nova luz ao período após a abolição da escravidão em Santa Catarina: se é certo afirmar a presença e suas diferentes formas de vivência com a sociedade catarinense no século XIX. É preciso saber agora como essas relações se estenderam em Santa Catarina após a abolição da escravatura no Brasil.⁹³

No tocante a festas em Santa Catarina, a figura a seguir mostra a celebração de uma festa nos anos 1803:

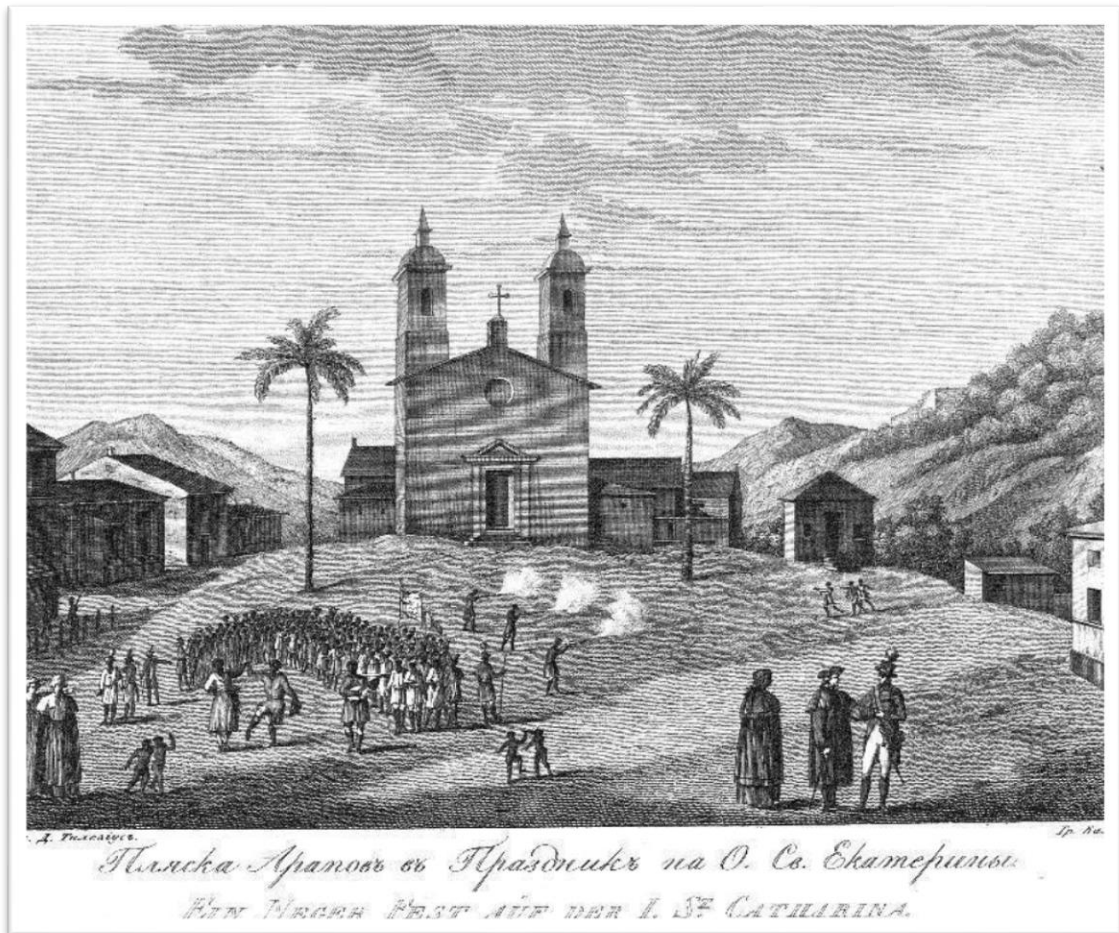
⁹⁰ *Idem*, p. 1.

⁹¹ GUARINELLO, Norberto Luiz. Festa, trabalho e cotidiano. *In*: JANCSÓ, István; KANTOR, Irís (Org.). **Festa**: Cultura e sociabilidade na América portuguesa. São Paulo: Edusp/Imprensa Oficial. Vol. II, p. 969-972, 1999.

⁹² SILVA, Jaime José dos Santos, 2013. *Op. Cit.*, p. 3.

⁹³ *Idem*, p. 4.

Imagem 02 - Uma festa negra na Ilha de Santa Catarina (1803)



Fonte: CORRÊA, Carlos Humberto P. História de Florianópolis – Ilustrada. Florianópolis: Insular, 2005. 2ª Ed.

Este é um registro iconográfico que representa uma festa de coroação de reis negros em Desterro no século XIX. Trata-se de uma representação de uma festa realizada no Largo da Matriz de Nossa Senhora do Desterro no final do ano de 1803. O elemento nessa imagem é o grande grupo de africanos e pessoas de ascendência africana.⁹⁴ A corte é aberta por um homem e uma mulher, há alguns músicos e um homem empunha um cetro, há várias crianças e, como descreve Silva, é uma cena comum nas representações das festas de coroações de reis negros. Essa festa, como as várias festas afro-brasileiras em Santa Catarina homenageavam Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. Como pode ser observado, era comum as festividades estarem relacionadas às comemorações católicas, mas com alguma predominância da cultura africana.

Segundo Silva, após a abolição da escravatura e da proclamação da República:

⁹⁴ SILVA, Jaime, 2013. *Op. Cit.*

A festa continuava presente, ou pelo menos os elementos que ainda auxiliavam na constituição de laços comunitários, servindo de referências sociais e de identidade cultural para seus participantes, laços estes essenciais em meio aos limites e imprevisibilidades da sociedade no período da pós-emancipação no Brasil.⁹⁵

O mesmo autor continua sua descrição em suas pesquisas apontando que:

Pensar no tema festa (especialmente as realizadas pelos descendentes de escravizados e libertos em devoção a Nossa Senhora do Rosário) no pós-abolição torna-se importante para as novas reflexões que atualmente tem sido caro aos historiadores, perceber casos de proibição e perseguição às suas festas e outras práticas culturais é importante e está relacionada a outras experiências de privações de direitos estigmatizadas por suas origens étnicas. Almejar entender as estratégias e os caminhos pelos quais se buscou contornar nas práticas cotidianas essas questões, e os seus limites, tem tudo haver sobre as expectativas dos ex-escravos e seus descendentes em finalmente vivenciar a liberdade na sociedade do pós-abolição.⁹⁶

Em termos de festas, também há em Florianópolis, Santa Catarina, segundo Correa, festas pagãs e adotadas pela igreja sob as insígnias da Santíssima Trindade, como as Festas em Louvor ao Divino Espírito Santo, no século XIX. “estas festas adquiriram um caráter identitário, da mesma forma que no Brasil, transformando-se em um dos principais marcadores identitário, do Açorianos”.⁹⁷ Ressalta-se que as referências mais antigas sobre a realização de Festas do Divino Espírito Santo e das Irmandades do Divino, “remontam o ano de 1776. A Irmandade do Divino Espírito Santo da Paróquia de Nossa Senhora do Desterro, por exemplo, tem sua data de fundação no ano de 1773, a primeira coroação só vem a acontecer em 1806”.⁹⁸

O mesmo autor relata que, em Florianópolis, atualmente existem três irmandades do Divino Espírito Santo ainda ativas, “a Irmandade da Capela do Divino Espírito Santos da Paróquia de Nossa Senhora do Desterro, a Irmandade da Paróquia de Nossa Senhora da Lapa do Ribeirão da Ilha e a Irmandade da Capela de Nossa Senhora das Necessidades de Santo Antônio de Lisboa.”⁹⁹

Importante dizer que a ausência de estudos de festas negras em SC é latente, pois se fala muito em festas do Divino e quase nada de manifestações da cultura negra. Assim como a Festa da Paz e da Fraternidade ou Festa do *Tio Marcos*, o Cacumbi poderia ter um destaque maior nas literaturas de festas.

⁹⁵ *Idem*, p. 9.

⁹⁶ *Idem*, p. 9.

⁹⁷ CORRÊA, Luiz Nilton. **Festa do Divino Espírito Santo**: um estudo sobre as festas do espírito santo em Portugal. Anais eletrônicos do XVI Congresso Brasileiro de Folclore – UFSC, Florianópolis, 14 e 18 de outubro de 2013, p. 1.

⁹⁸ *Idem*, p. 6.

⁹⁹ *Idem*, p. 6-7.

O Cacumbi era uma festa que se destaca por homenagear Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, este um santo negro. É um evento com instrumentos musicais, tambores e pandeiros. Os participantes eram o capitão, os marujos alferes de bandeira, reis e rainhas. Segundo Jaime:

O capitão vestia uma roupa amarela e carregava uma espada de aço, os marujos vestiam roupa branca de brim, ambos usavam um gorro da mesma composição da vestimenta, com um friso de fita vermelha, que colocavam também nas costuras laterais da calça. A alferes de bandeira conduzia uma bandeira tipo estandarte com algumas fitas coloridas e pinturas das imagens de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito.¹⁰⁰

No Cacumbi se coroavam reis e rainhas com trovas e procissões percorrendo as cidades do litoral catarinense. Silva¹⁰¹ declara que até a década de 1840 as festas ocorriam com alguma tolerância por parte das autoridades da capital, porém em 1845 se alterou este posicionamento, ficaram proibidos os reinados e batuques, através do artigo 35 do Código de Posturas de Desterro. Mesmo com a proibição as festas de coroações de reis africanos e seus descendentes continuaram a acontecer¹⁰².

Aparentemente extintas após a década de 1850, as autoridades da capital do Estado, mantinham-se inflexíveis quanto à aceitação das festas dos ex-escravizados e libertos. No ano de 1888, logo após a abolição da escravidão foi aprovado um novo Código de Posturas, artigo 130 no qual ficavam proibidas as festas: “Fica proibido fazer sambas e batuques quaisquer que sejam as denominações, dentro das ruas da cidades ou das povoações.”¹⁰³

O quase total desaparecimento desta como outras festas de representatividade negras no estado de Santa Catarina não pode ser encarada como um fato isolado, se trata de uma política de invisibilidade da presença negra no estado, assunto que abordarei neste trabalho.

2.2. Um negro como representante de uma festa católica

A festa da Paz e Fraternidade ou Festa do *Tio Marcos* é realizada na comunidade de São Teresa, interior de São Pedro de Alcântara no Santuário do Senhor Bom Jesus da Santa Cruz. O Santuário foi inaugurado no dia 13 de maio de 1988, Centenário da Abolição da

¹⁰⁰ SILVA, Jaime José dos Santos. **A dança do Cacumbi**: novo olhar sobre as festas afro-brasileiras e as vivências do pós-emancipação em Santa Catarina. In: VI Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional, 2013, Florianópolis. Anais do VI Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional, 2013, p.4.

¹⁰¹ *Idem*, p. 5.

¹⁰² *Idem*, p. 5.

¹⁰³ *Idem*, p. 6.

Escravidura Brasileira e seu grande idealizador foi Frei Ático Francisco Eyng, que possuía grande admiração pela história de luta e resistência de *Tio Marcos* e almejava comemorar com essa festa a união de todos os povos como ponte central da discussão. Todo este posicionamento do Frei pode ser evidenciado por sua fala ao jornal *Diário Catarinense*: (...) é uma comemoração sem distinção de cor, sexo, idade ou classe social¹⁰⁴.

Imagem 03 - Jornal *Diário Catarinense* do dia 14 de maio de 1988



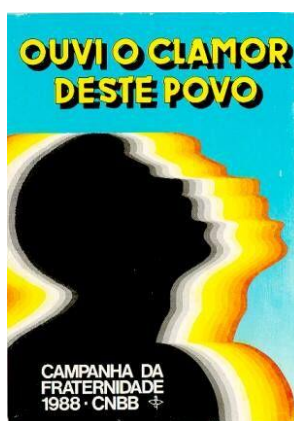
Fonte: Biblioteca Pública Estadual de Santa Catarina

As festividades do dia 13 de Maio em comemoração ao Centenário da Abolição ocorreram em várias localidades e conforme analisei nos periódicos sobre esse assunto, em sua grande maioria os participantes mais protestaram que comemoraram o dia 13 de maio daquele ano. Em Santa Catarina, a Festa da Paz e da fraternidade ou Festa do *Tio Marcos* foi a mais divulgada e comentada, como podemos perceber pelo jornal *Diário Catarinense* de 14 de Maio de 1988 (Fig. 17), onde se descreve a presença das autoridades catarinenses máximas e o comparecimento de cerca de duas mil pessoas. A frase do Frei Ático não passou despercebida a respeito da união das pessoas sem distinção de cor, sexo, idade ou classe social. É nítido que o intuito da inauguração do Santuário com a inclusão de um personagem ex-escravo como objeto de veneração em pleno Centenário da Abolição da Escravidura foi um artifício do religioso para ganhar visibilidade política social.

¹⁰⁴ SANTA Teresa festeja abolição. *Diário Catarinense*, 14 de mai. de 1988. Disponível em: http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=Arq_Cultura&PagFis=8480&Pesq=santu%C3%A1rio%20bom%20jesus. Acesso em : 09 de mai. 2019.

Com a iniciativa do Frei Ático e com grande auxílio da comunidade, iniciou-se, em 1980, os projetos para a construção do Santuário e o lançamento das obras se deu em 1981. A inauguração aconteceu em 13 de maio de 1988 e posteriormente iria se chamar de Santuário¹⁰⁵ Bom Jesus da Santa Cruz. Como pude verificar, através dos materiais pesquisados para este trabalho, havia um movimento de várias entidades, da Igreja Católica através da CNBB, com relação à questão do negro no Brasil. O Frei Ático como membro da comunidade cristã não ficou a margem desse movimento. A data 13 de Maio de 1988 foi o ano de comemoração dos cem anos da Abolição da Escravatura. A Igreja Católica, nesse período, contribuiu para o debate, através da campanha da Fraternidade daquele ano: "Ouvi o Clamor deste Povo".

Imagem 04 - Imagem da Campanha da Fraternidade



Fonte: www.cnbb.org.br/historico-das-cfs/2/

A CNBB já alertava sobre as diferenças sociais e econômicas entre negros e brancos em todos os setores da economia do país. Seus membros faziam abertamente críticas a instituição que segundo o jornal O Estado de São Paulo: (...) dos 12.700 padres somente 200 era negros e dos 370 bispos só 06 eram negros dados do ano de 1988.¹⁰⁶

A ala mais progressista desejava que a igreja reconhecesse que não tratava com a devida atenção a situação vivida pelos negros, aconselhando a comunidade negra a assumir sua negritude. Destacava inclusive que se deveriam abrir espaços na igreja para os negros, a manter a identidade e a cultura, e defendiam que o canto, os gestos, os ritmos e os instrumentos musicais como as danças encontrassem espaço na igreja. Também se reconhecia

¹⁰⁵ Santuário é o lugar santo onde Deus falou e fala ainda a seu povo, por meio de acontecimentos ou pelo testemunho de um Mártir, da vida de um Santo ou Santa. Santuário é o lugar privilegiado da expressão e evangelização da religiosidade popular; lugar da fraternidade do povo peregrino que se encontra; lugar de alegria e acolhimento.

¹⁰⁶ O NEGRO na campanha da Igreja. **O ESTADO DE SÃO PAULO**. 28 de fev. 1988. Disponível em: http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=Arq_Cultura&PagFis=8480&Pesq=santu%C3%A1rio%20bom%20jesus. Acesso em: 09 de mai. 2019, slide 17.

que era importante rever a linguagem e atitudes preconceituosas e ofertar oportunidades de educação, trabalho, cultura, lazer e vivência religiosa para negros, ou seja, fazer releitura da história na ótica dos mesmos.¹⁰⁷

Em sua fala de abertura da Campanha da Fraternidade de 1988, o Papa João Paulo II destacou que todos os homens e mulheres são iguais, "(...) hão de dispor de acesso igual à vida econômica, cultural e social."¹⁰⁸ No Brasil, vários religiosos da ala progressistas, entre eles o Cardeal Arcebispo Dom Aloísio Lorscheider, afirmavam que o Brasil é um país racista. Já no sul do Brasil, precisamente em Santa Maria, o Bispo Dom Ivo Lorscheider destacava que era "(...) necessário reavaliar toda situação social gerada pela escravatura." Na Bahia, Dom Lucas Moreira Neves Arcebispo de Salvador na época, que se declarava descendente de negros, destacava que "(...) a finalidade da campanha não era refazer a história, mas sim promover a fraternidade, acabando com a discriminação".¹⁰⁹ Assim como vários religiosos do Brasil, o Cardeal Arcebispo Dom Paulo Evaristo Arns destaca que após a abolição o negro foi submetido a uma vida indigna, ele ainda fala que o tema foi escolhido pelo povo e a CNBB acatou com a pretensão de "(...) reparar sua falha no passado, quando chegou a compactuar com a escravidão."¹¹⁰

De um lado, vários religiosos progressistas, como pode ser observado nas discussões acima, concordavam com o tema da campanha da fraternidade, "Ouvi o clamor de seu povo", e também defendiam uma pauta mais abrangente em relação ao negro no Brasil. Uma clara referência que os negros ainda clamam por direitos iguais. Contudo, havia outros pensamentos sobre esse tema dentro da Igreja Católica no Brasil. Pensamento de que havia uma democracia racial e que todos têm as mesmas oportunidades, ou seja, pensamento da ala mais conservadora. Há um claro conflito sobre a questão do negro dentro da Igreja: "A campanha foi bastante conflitiva"... "Em muitos lugares ainda predomina a mentalidade clerical, nestes locais onde o clero não deu um apoio explícito a campanha não teve seu exercício pleno." A discussão chegou ao ponto de algumas Arquidioceses e Dioceses alterarem o slogan da Campanha para "Várias raças e um só povo"¹¹¹ Foram: Arquidiocese do Rio de Janeiro, Diocese de Campos, Diocese de Petrópolis. Assim o fizeram justificando e

¹⁰⁷ ARQUIVOS DE CULTURA CONTEMPORÂNEA. **Perspectiva pastorais**. Disponível em: http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=Arq_Cultura&PagFis=5952. Acesso em: 09 de jan. de 2019, slide 24.

¹⁰⁸ ARQUIVOS DE CULTURA CONTEMPORÂNEA. **CNBB lembra a dor do negro ao abrir campanha**. Disponível em: http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=Arq_Cultura&PagFis=5952. Acesso em: 09 de jan. de 2019, slide 38.

¹⁰⁹ *Idem*, slide 32.

¹¹⁰ *Idem*, slide 32.

¹¹¹ *Idem*, p. 55.

dizendo que o tema deveria abranger todos os povos. Divergências que se tornaram públicas, porém não impediram a igreja de expressar nos fóruns públicos como pode ser observado nos jornais “A TARDE” e “CORREIO DA BAHIA” do dia 07 de abril de 1988: “Mesmo com a divergência de pensamentos, tendências, a igreja vai para a câmara de vereadores divulgar a Campanha da Fraternidade.”¹¹²

Através dessa pesquisa, percebe-se que o Frei Ático esteve próximo das duas vertentes. De um lado, prestava homenagem a um ex-escravo em um espaço totalmente contraditório, ou seja, homenageava um homem negro num espaço praticamente de pessoas de origem europeia; de outro lado, quando faz declarações que somos todos uma só raça tende-se a entender que estava de encontro com o lema da ala conservadora.

Por isso, o que se pretende nesse capítulo é mostrar como a festa da Paz e Fraternidade entrelaçou-se com a vida do *Tio Marcos*, deixar claro como o Frei construiu a imagem desse personagem, representado como um homem simples, negro, bondoso, ordeiro, para inseri-la em festa popular de uma comunidade predominante germânica, uma estratégia do Frei para festa ser aceita pela comunidade.

Antes, porém, é importante enfatizar que a arquidiocese de Florianópolis possui sete santuários: Nossa Senhora de Azambuja em Brusque; Nossa Senhora de Fátima em Florianópolis; Nossa Senhora do Bom Socorro e Santa Paulina em Nova Trento; Nossa Senhora de Lourdes em Angelina; e Bom Jesus da Santa Cruz em São Pedro de Alcântara.

O Santuário da colônia Santa Tereza é o único que homenageia os escravos em Santa Catarina e posso concluir que, a criação e homenagem a esse ex-escravo é tornar visível uma história dos esquecidos. Walter Benjamin define essa situação: “A história deve ser escovada a contrapelo. A história da cultura como tal é abandonada: ela deve ser integrada à história da luta de classes.”¹¹³

¹¹² *Idem*, slides 47-48.

¹¹³ LÖWY, Michel. “**A contrapelo**”. A concepção dialética da cultura nas teses de Walter Benjamin (1940)”. *Lutas Sociais*, São Paulo, n. 25/26, 2º sem. de 2010 e 1º, sem. de 2011, 20-28, p. 21.

Figura 15 - Santuário Bom Jesus da Santa Cruz



Fonte: foto do autor - 17 de maio de 2015

Alguns outros eventos também ocorrem em São Pedro de Alcântara, além da Festa da Paz e Fraternidade ou Festa do *Tio Marcos*, durante o ano e podemos citar alguns deles: Festa do Colono, no mês de julho e que tem como umas de suas principais atrações o baile onde se escolhe a rainha do colono. Destaque para o desfile de carros de boi, cavalgada e dança folclórica alemã que também estão presentes e na área gastronômica tem churrasco, galinha recheada e recheio em separado, típico da culinária local.¹¹⁴

Já na Festa do Recheio é em outubro, como o próprio nome diz se prepondera um dos pratos mais típicos da região, o recheio, cujos ingredientes são miúdos de frango, ovos, farinha de rosca, noz-moscada e tempero verde. Como todas as outras festas têm a disposição das pessoas serviço de bar e baile.

A *Stammtisch* ocorre algumas vezes durante o ano, sua data não é definida e trata mais de um encontro de amigos que dialogam sobre os acontecimentos da comunidade. Trata-se de uma festa de tradição germânica e tendo como palco a rua. A denominação da festa tem haver com a junção de duas palavras em alemão *Stamm* que significa tronco em português e *Tisch* que significa mesa. Em uma tradução "mesa de tronco" podemos entender que *Stamm* quer dizer tronco de ramificações familiares e, portanto, ficaria a mesa para encontro de familiares ou até então Festa da Família.¹¹⁵

Oktoberanz se comemora no fim setembro, seria uma abertura das comemorações alemã do mês de outubro que ocorrem em Santa Catarina. É considerada a mais tradicional

¹¹⁴ **HISTÓRIA:** Conheça São Pedro de Alcântara. Recanto das Pedras. Disponível em: <http://www.recantodaspedras.com.br/servicos/historia>. Acesso em: 18 de jun. 2018.

¹¹⁵ *Idem*.

feira alemã das que se tem na cidade, pois têm show e baile germânico, concurso de chope em metro, jogos de futebol alemão, competições como serrador e lenhador, atrações culturais. Há o desfile oficial com música tocada por bandas pelas ruas centrais da cidade para relembrar as tradições germânicas.¹¹⁶

Algumas destas festas têm destaque nos materiais da prefeitura distribuído pelo estado, contudo, a Festa da Paz e da Fraternidade ou Festa do *Tio Marcos* tem pouca ou nenhuma divulgação, mesmo tratando-se de uma festa diferenciada que deveria ter maior reconhecimento das autoridades. Essa situação do pouco prestígio pode ser comprovada pelo baixo conhecimento dessa festa no estado de Santa Catarina e também pelo desconhecimento da maioria dos negros que aqui habitam. Mas podemos avaliar que, a Prefeitura tem mais prioridade na divulgação de festas de afirmação germânica.

No começo da Festa da Paz e da Fraternidade ou Festa do *Tio Marcos*, as autoridades estavam mais envolvidas e se pensarmos como esse evento foi relacionado ao dia 13 de maio, dia da Abolição da Escravatura e o personagem principal sendo um negro, percebe-se uma estratégia do Frei Ático, para o acolhimento da comunidade e das autoridades, visto que a Festa foi se tornando um sucesso, sendo reconhecida em vários níveis como único. Hoje, apesar das lutas dos movimentos negros para o combate ao racismo, da dívida histórica por causa dos anos de escravidão e pela luta por igualdade de direitos, a figura do *Tio Marcos* talvez não seja considerado exemplo, pois a narrativa de vida desse personagem é de um negro dócil, ordeiro e bondoso, ou seja, não lutou de forma contundente contra a escravidão e sim esperou que forças divinas realizassem essa quebra de grilhões. E a meu ver, a Festa foi perdendo espaço, pois não há um sentido, a não ser de festejos da comunidade.

A relação entre o *Tio Marcos* e o local da festa, segundo a festeira Eliete, era profunda, pois o mesmo construiu:

... uma cruz pesada. Ele caminhou três quilômetros morro acima e lá neste local ele afixou essa cruz. Lá ele fazia todas suas orações, as suas meditações ele ficou muitos anos lá e quando ele veio falecer ele foi enterrado aos pés da cruz. E o Frei Ático como era uma pessoa muito fiel muito, muito generosa ele sempre dizia eu quero construir uma igreja ou um santuário e trazer esse Tio Marcos para cá, ele é considerado um santo...¹¹⁷

Frei Ático, ao construir o Santuário trouxe os restos mortais de *Tio Marcos* para um ambiente considerado santo, ou seja, o ambiente sagrado do morro e da cruz, pois na visão

¹¹⁶ <http://www.turismodaquiparaomundo.com.br/2012/10/conheca-um-pedacinho-da-alemanha.html>

¹¹⁷ ROSA, Eliete Maria. **Entrevista concedida a Helio Samuel de Medeiros**, em 24 de set. de 2017. Acervo pessoal, p. 8.

simples do ex-escravo era como atingir a Deus. E o Frei, para referendar sua posição na construção do Santuário e criação da festa, trouxe os restos mortais do *Tio Marcos* para ser enterrado em frente Santuário. E esse lugar a Festa tomou um lugar de destaque utilizando a imagem do *Tio Marcos* como ponte.

As festas brasileiras, conforme Durval Muniz Albuquerque Júnior seriam o encontro e celebração das diferenças, de confraternização¹¹⁸, portanto, a Festa que homenageia um ex-escravo reflete essas diversidades, indo de encontro da imagem que o estado de Santa Catarina reflete para o mundo, de um povo europeu e branco. Podemos perceber que é evidente a cultura de tentar desqualificar a figura do negro.

A festa da Paz e Fraternidade ou Festa do *Tio Marcos* no ano de 2018 completou 30 anos de uma parceria com a comunidade que mantém viva a importância de um evento de sincronia e valorização dos povos. A primeira Festa orquestrada pelo Frei Francisco Ático Engy, emergiu o principal personagem chamado *Tio Marcos*, um ex-escravo que, segundo relatos, era respeitado e amado pela população alcantarense, além da comemoração do centenário da abolição da escravatura (1888) e da construção do Santuário do Bom Jesus.

Festa esta que iniciou-se com um grandioso evento, teve duração de 03 dias, 13, 14 e 15 de maio de 1988 e segundo depoimentos coletados foi à única com esta duração, pois as festas posteriores geralmente duraram no máximo 02 dias. Como a primeira Festa foi mais estendida, houve a necessidade de envolver um número maior de participantes. Segundo Bertolino, a pedido do Frei Ático, participaram pessoas de fora da comunidade, parentes do padre que moravam no Sul do estado catarinense, entre outras, principalmente afrodescendentes de várias comunidades, o que chamou a atenção dos moradores de Santa Teresa¹¹⁹. Dentro da comunidade de Santa Teresa a maioria dos moradores participou do evento. Entre os convidados que fizeram parte da Festa, destaco a participação da família Farias: Maria de Lourdes Farias, Elisabete Cecília Farias, Elizio José Farias, respectivamente mãe, irmã e irmão de Eliete Maria Rosa. Essa família participava das festas em torno de Santa Tereza, em especial a Festa de Nossa Senhora Aparecida de Águas Mornas, onde foram festeiros por diversos anos. Quando tiveram conhecimento da história de *Tio Marcos* se mostram interessados em participar da construção do Santuário. Juntamente com a família Farias vieram outros colaboradores comprometidos com festas em entorno de São Pedro de Alcântara, todos com o objetivo de contribuir com a criação do Santuário e a festa em comemoração ao centenário da abolição da escravatura em 1888. O Frei Ático, como mentor

¹¹⁸ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz., 2011. *Op. Cit.*, p. 138.

¹¹⁹ ZIMMERMANN, Bertolino. **Entrevista concedida a Helio Samuel de Medeiros**, em 06 de out. de 2018, p. 03.

e organizador do evento, convidava a todos pessoalmente, tanto para o serviço braçal, como fez com José Medeiros e Amarildo, ou funções mais elaboradas tais como divulgação e busca de recursos junto às autoridades, como a destinada a Eliete ou para simplesmente participar da Festa.

A idealização da Festa em si surgiu quando Frei Ático, logo que chegou a Santa Teresa, soube da história do *Tio Marcos* por intermédio de moradores das redondezas de São Pedro de Alcântara. Fator determinante para que Frei Ático despertasse essa vontade de realizar a Festa e a construção do Santuário, foi durante um suposto sonho que teve a visão que o induziu a construir um santuário em homenagem a Santa Cruz juntamente com a homenagem ao *Tio Marcos*.¹²⁰ Esta relação com o imaginário é próprio das narrativas míticas.

As narrativas míticas tende a explicar origens e fatos a partir da imaginação, por isso, não surpreende que esse fato fosse utilizado pelo Frei Ático para explicar seu interesse em construir o Santuário e a homenagem ao *Tio Marcos* e dar legitimidade para suas escolhas.

Analisando os depoimentos no trabalho de Ritta Wanda¹²¹ e dialogando com festeiros de Santa Tereza e de outras localidades, percebi que Frei Ático além da história de vida do personagem principal da Festa, descobre a Festa da Sagrada Cruz que não era tão vultosa, porém, tinha uma frequência anual. Uma festa que o próprio nome sugere, homenageava também o calvário de *Tio Marcos*. Vale ressaltar que o antecessor do Frei Ático já enaltecia a história de vida do ex-escravo e a Festa da Sagrada Cruz era em homenagem ao *Tio Marcos*:

Festa já existia sim, mas uma festa simples que era feita em uma capelinha simples tudo e que o pessoal das redondezas como de Santo Amaro, Palhoça iam lá visitar de vez em quando né, essa festa. Mas ela começou a ter vulto a partir do treze de maio de 1988."¹²²

Ou seja, percebe-se que o Frei Ático utilizou a Festa da Santa Cruz para dar um impulso na ideia da criação da Festa da Paz e Fraternidade ou a Festa do *Tio Marcos* e o lema da CNBB conectou todas essas ideias. Conforme a entrevistada Eliete, Frei Ático "(...) sempre dizia: eu quero construir uma igreja ou um santuário e trazer esse Tio Marcos para cá. Ele é considerado um santo. E com esta intenção, o Frei Ático construiu este santuário (...)".¹²³ O Frei conseguiu atingir seu objetivo somente com o auxílio da comunidade, neste momento da construção da Festa, ele já havia inserido sua ideia na comunidade. Segundo a entrevistada

¹²⁰ ANDRADE, D. M. Entrevista -07/07/1981. In: RITTA, Wanda. **Invisibilidade negra em São Pedro de Alcântara (1880-1889)**. 2003.

¹²¹ RITTA, Wanda, 2003. *Op. Cit.*, Cap. 8.

¹²² ROSA, Eliete Maria. **Entrevista concedida a Helio Samuel de Medeiros**, em 24 de set. de 2017. Acervo pessoal, p. 01.

¹²³ *Idem*, p. 02.

Elisabete, a comunidade local e com apoio de moradores da região, que participavam de outras festas, alavancaram a criação do Santuário e a comemoração do centenário da abolição da escravidão. Fica claro que houve uma repaginada da Festa da Santa Cruz, uma reconstrução da festa em homenagem ao calvário de *Tio Marcos*.¹²⁴

O Frei sempre ficou a frente das decisões, era ele quem buscava o contato direto com todos os elementos da festa. A senhora Eliete, por sua vez, ficou responsável por buscar recursos financeiros e materiais junto às autoridades, fez a interlocução diretamente com o governador da época, Pedro Ivo Figueiredo de Campos (1930-1990). Segundo a entrevistada, ela possuía uma grande rede de contatos, que foram usados para beneficiar a organização da festa e para ter essa dedicação exclusiva para os seus preparativos, pois ela trabalhava na Universidade Estadual de Santa Catarina, UDESC e conseguiu uma liberação do seu local de trabalho, para ficar a disposição exclusivamente da comissão da Festa e tal dispensa se deu por intermédio de Eloiza Campos, irmã do governador.¹²⁵ A partir dessas questões, pode-se afirmar que havia um provável envolvimento de muitas autoridades da época, o que sugere a importância da influência e participação dessas mesmas autoridades na organização e comemoração do centenário da abolição e de um projeto em homenagem ao um ex-escravo.

Esta relação está ligada diretamente ao período que se vivia. O fim da ditadura militar onde havia fortes repressões, o momento de abertura política, quando os governantes estavam sendo eleitos em um processo eleitoral democrático. Além disso, o movimento negro das décadas de 1970 e 1980 estavam em voga chamando atenção para várias questões dos afrodescentes. Estávamos vivenciando a Assembleia Nacional Constituinte que promulgou a Constituição de 1988.

Os recursos não vieram somente dos contatos da senhora Eliete. Segundo Bertolino, para a construção e inauguração do Santuário vieram recursos de várias frentes, entre elas: festas menores, bailes, entre outros, como também através dos contatos do Frei Ático. Contudo, o entrevistado Bertolino, destaca que quase nada era revelado pelo Frei, porém, afirma que houve recursos oriundos do Canadá: "Eu sei que uma parte veio de Canadá, mas ele não disse a quantidade e também quem doou. Ele conseguiu de fora."¹²⁶ Contudo, o entrevistado Bertolino, destaca que quase nada era revelado pelo Frei. Já a senhora Eliete menciona que uma parte veio da Alemanha.

¹²⁴ FARIAS, Elisabete Cecília, FARIAS, Elizio José e FARIAS, Maria de Lourdes. **Entrevista concedida a Helio Samuel de Medeiros**, em 03 de out. de 2018. Acervo pessoal, p. 04.

¹²⁵ ROSA, Eliete Maria. 2018. *Idem*, p. 2.

¹²⁶ ZIMMERMANN, Bertolino. 2018. *Idem*, p. 4.

Com os recursos firmados, os organizadores buscaram iniciar a preparação do local da festa. Para abrigar a todos foi necessário criar uma estrutura física razoável sempre contando com o auxílio da comunidade que se empenhou, improvisando um pavilhão com várias barracas ao entorno. O espaço contava com uma cozinha industrial segundo os entrevistados.

Com o objetivo de agregar maior participação possível, a organização convidou oficialmente todos os municípios de SC com a exigência que a comitiva possuísse um negro em sua delegação e que se trouxessem a bandeira da cidade participante. Segundo Eliete, quando obtiveram a confirmação de uma centena de participantes, uma enorme preocupação se abateu sobre o grupo a respeito da quantidade de participantes esperada para Festa e não ter espaço suficiente para todos. Fez-se necessário intervir junto ao governo estadual e municipal, que concedeu cinco máquinas para fazer a terraplanagem do local onde hoje funciona o estacionamento.¹²⁷

O evento também trouxe a possibilidade da participação de autoridades eclesiásticas de destaque nacional como o “(...) bispo negro da Bahia ele tava com vontade de vir, mas no momento aconteceu algo imprevisível que ele não pode vir, mas mandou a saudação pra gente e tudo (...)”, segundo Eliete.¹²⁸

Os entrevistados têm a lembrança viva da semana que antecedeu a Festa, muita chuva e um enorme receio de não ocorrer o evento. Segundo Bertolino,¹²⁹ os trabalhos foram feitos com muita dificuldade devido a chuva. O governo estadual e o governo municipal contribuíram, por meio do prefeito de São José Germano João Vieira, que enviou máquinas para auxiliar e conseguiram preparar do espaço externo da Festa. Os entrevistados ressaltam que os 03 dias da Festa foram de muito sol. Falando ainda da semana que antecedeu a festa, outras atividades foram feitas entre elas tal como novenas, uma espécie de procissão luminosa, segundo lembranças das entrevistadas, Elisabete e Lourdes¹³⁰.

Durante o evento, houve algumas atividades que merecem destaque como a corrida rústica denominada Corrida da Fraternidade. Vale destacar que houve somente duas edições dessa corrida em 1988 e 1989. O percurso consistia em partir da Colônia Santana até Santa Teresa que pertenciam na época a um só município, São José. O vencedor e vencedora foram contemplados com a oportunidade de acender a pira que se encontra em frente ao santuário,

¹²⁷ ROSA, Eliete Maria. 2018. *Op. Cit.*, p. 3.

¹²⁸ *Idem*, p. 03.

¹²⁹ ZIMMERMANN, Bertolino. 2018. *Op. Cit.*, p. 2.

¹³⁰ FARIAS, Elisabete Cecília, FARIAS, Elizio José e FARIAS, Maria de Lourdes. 2018. *Op. Cit.*, p. 10.

para tanto se fez necessário o auxílio do corpo de bombeiros. Segundo Elizio, em festas seguintes, também foi acesa a pira.¹³¹

Figura 16 - Placas da Corrida da Fraternidade



Fotos do autor, 06 de outubro de 2018

A presença de várias autoridades se concretizou com a presença do governo do estado da época, representado pelo Vice-governador, Cacildo Maldaner e dos representantes dos municípios de São José o Prefeito Germano João Vieira e de Florianópolis, Edison Andrino. Os municípios que enviaram seus representantes e estandartes os tiveram ateados ao lado do Santuário. Toda esta movimentação de autoridades exigiu uma segurança reforçada por parte da Polícia Militar. Esse aparato de segurança conferia ao evento uma importância que não poderia ser verificado em outra ocasião. Quem não havia ouvido falar da Festa, mas seguiam essas autoridades tais como jornalistas, pessoas comuns ou da alta sociedade, iriam nesse momento conhecer e divulgar um evento dessa magnitude. Por isso, a meu ver foi uma estratégia utilizada pelo Frei Ático, pois o mesmo sabia que essas autoridades poderiam conferir uma importância ao evento.

Na Festa de 1988, os vendedores ambulantes mereceram destaque, segundo Elisabete, pois estavam em número expressivo que se assemelhava a outras festas tais com a Festa da Laranja, Festa da Tainha, Festa do Divino Espírito Santo, consideradas festas tradicionais da região que atraíam um enorme público. Os ambulantes concentraram-se na rua em frente ao Santuário. Esses trabalhadores informais só se destacaram na festa de 1988, já que nas Festas

¹³¹ *Idem*, p. 12.

posteriores não demonstram tanta representatividade¹³². Atualmente, os ambulantes se concentram na lateral direita do Santuário, porém já se instalaram na lateral esquerda ao lado do atual estacionamento.

Figura 17 - Estacionamento do Santuário



Fonte: foto do autor - 26 de Maio de 2013

Segundo José Medeiros, a divulgação da Festa foi feita através de cartazes, anúncios de rádios que trouxe um resultado extremamente positivo. Segundo o entrevistado, Frei Ático divulgava com intensidade em todas as missas que fazia pela região. Relata ainda que atualmente ainda se usa destes artifícios, como podemos perceber nas imagens de festas que ocorreram em anos variados após o método iniciado.¹³³

¹³² FARIAS, Elisabete Cecília, FARIAS, Elizio José e FARIAS, Maria de Lourdes. *Op. Cit.*, p. 08.

¹³³ MEDEIROS, José. **Entrevista concedida a Helio Samuel de Medeiros**, em 06 de out. de 2018. Acervo pessoal, p.03.

Figura 18 - Divulgação da Festa



Fotos do autor, 06 de outubro de 2018

O evento se iniciou com a celebração que, segundo Eliete, foi de enorme comoção entre os presentes¹³⁴. Percebe-se que o envolvimento da comunidade gerou em todos os que participaram de uma forma ou de outra a sensação de pertencimento e um orgulho de transformar uma ideia em realidade.

Há entre as entrevistadas memórias de outros acontecimentos da Festa. Bertolino, por exemplo, tem a lembrança de várias celebrações durante o sábado a tarde e durante o domingo¹³⁵. José Medeiros, por sua vez, destaca o encerramento feito por Dom Afonso Niehues (23/07/1914 a 30/09/1993), Arcebispo de Florianópolis na época¹³⁶. O Arcebispo também inaugurou o Santuário no dia 13 de maio de 1988 como pode ser observado na figura abaixo (Fig. 20). A placa tem destaque na entrada e demonstra a importância dessa

¹³⁴ ROSA, Eliete Maria. *Op. Cit.*, p. 03.

¹³⁵ ZIMMERMANN, Bertolino. *Op. Cit.*, p. 03.

¹³⁶ MEDEIROS, José. *Op. Cit.*, p.04.

inauguração, pois representa um triunfo da comunidade e o Frei Ático para conseguir a realização e o sucesso da Festa.

Figura 19 - Placa de inauguração



Fonte: Foto do autor, 17 de maio de 2015

A apresentação de um coral composto por crianças, aproximadamente de 100 crianças, marcou Eliete, principalmente no momento que cantaram o hino de Santa Catarina:

"Houve o coral de crianças, de cem crianças, essas cem crianças cantaram o hino de Santa Catarina a qual faziam gestos, onde iam guardas as correntes foi uma coisa maravilhosa que foi assim, que deixou muita gente comovida com as crianças cantando o hino de Santa Catarina principalmente naquela frase que diz rasgam as cadeias e jogam as algemas no chão."¹³⁷

Ainda durante a Festa de 1988 foi vendida uma pequena estatueta e a distribuição de um livro contanto a história do *Tio Marcos*. Dona Lourdes destaca que a estatueta foi vendida por mais alguns anos durante as festas seguintes, porém, hoje não existe mais essa comercialização. O livro foi distribuído entre os presentes. Segundo a pesquisa feita, essa estatueta e o livro foi idealizado pelo Frei Ático para dar destaque e lembrança da Festa.

¹³⁷ ROSA, Eliete Maria. *Op. Cit.*, p. 04.

Figura 20 - Estatueta do Tio Marcos



Fonte: foto do autor - 28 de junho de 2017

O momento das refeições merece destaque, pois é durante este ato que as pessoas se sentem mais descontraídas. Segundo Elisabete, a receptividade que os moradores de Santa Teresa fizeram foi de suma importância para o sucesso da Festa e ainda, segundo a mesma, os ônibus que lá chegavam ao início da manhã eram recebidos com um café a base de iguarias, como: pão de milho, nata, queijo, entre outros. Ao meio-dia foi servido churrasco, galinha assada, com a opção do prato feito¹³⁸. As famílias mais humildes, segundo Elisabete, eram em sua maioria afrodescendentes e os mesmos, por falta de condições financeiras, pois os alimentos eram colocados a venda e os mesmo por não ter condições de comprar, levavam sua própria alimentação.

Em relação às refeições, os números demonstram grandiosidade da festa comparada as festas seguintes. Os organizadores fizeram uma parceria com um fornecedor local que se colocou a disposição da organização, deixando inclusive um caminhão com carne no pátio do Santuário.

As atrações da Festa, conforme José Medeiros, eram os bailes com bandas, um espaço para o sertanejo e o segundo espaço se destinava há músicas mais agitadas juntamente aos shows feitos por artistas locais. Os bailes sempre transcorreram em harmonia, sem divisão de

¹³⁸ FARIAS, Elisabete Cecília, FARIAS, Elizio José e FARIAS, Maria de Lourdes, p. 07.

negros e brancos¹³⁹. É importante dizer que a harmoniosidade dos bailes na Festa da Paz e da Fraternidade ou Festa do *Tio Marcos* não refletem os acontecimentos do século XX. Segundo Priscila Hoffmann, até meados da década de 1960 havia separação de etnias nos salões como pode ser comprovado pelo morador de São Pedro de Alcântara, José Quiliano Krester, ao relatar como eram essas relações: "Deus me livre se um baile dos brancos pisasse um preto ali dentro, o pau fechava. Não podia dançar preto. Se nós fosse num baile de um preto e um branco entrando lá dentro, entrava na camada de pau."¹⁴⁰

A cavalgada citada pela maioria dos entrevistados começou a ser feita após a inauguração do Santuário. Segundo José Medeiros, a cavalgada, uma espécie de procissão de cavaleiros, fazia muito sucesso. Ainda segundo o entrevistado, eles chegavam à frente do Santuário e o padre os abençoava. Destaca ainda que na festa de 1988 não houve essa atração, somente nas festas posteriores, tornando-se uma atração impar da festa. A participação chegou ao número aproximado de 150 participantes.

Um possível término da cavalgada preocupava Frei Ático. Segundo Dona Lourdes, ele possuía enorme admiração por tal evento¹⁴¹, pois além dessa admiração, era uma saudável atração para uma diversidade de público. Vale lembrar que o evento acontecia num ambiente rural e esse tipo de atração era bem vista. Assim como a procissão luminosa e a rústica, a cavalgada deixou de fazer parte da Festa da Paz e da Fraternidade ou *Festa do Tio Marcos*, pois houve certo desinteresse dos padres que substituíram Frei Ático em convidar o CTG¹⁴².

A organização da festa aproveitou para usar o espaço antes destinado as provas e brincadeiras dos cavaleiros, para utilizar como estacionamento.

No ano de 2010 o encaminhamento da organização da Festa deliberou homenagear os cavaleiros participantes da cavalgada.

¹³⁹ MEDEIROS, José. *Op. Cit.*, p. 06.

¹⁴⁰ KRETEZER, José Quiliano, 79 anos. **Entrevista realizada no dia 08 de dezembro de 2008**, Barro Branco, São Pedro de Alcantara, *Apud* HOFFMANN, Priscila, *Op. Cit.*, p. 58.

¹⁴¹ FARIAS, Elisabete Cecília, FARIAS, Elizio José e FARIAS, Maria de Lourdes, *Op. Cit.*, p. 08.

¹⁴² *Idem*, p. 09.

Figura 21 - Homenagem aos cavaleiros em 17 de maio de 2010



Fonte: foto do autor - 06 de outubro de 2018

É unanimidade entre os entrevistados que após a morte de Frei Ático a Festa perdeu sua grandiosidade, concentrado-se na comunidade local. Amarildo traz dados atuais. Segundo ele, na primeira Festa, houve uma grande participação da comunidade e atualmente não acontece à mesma situação¹⁴³.

A primeira festa deu grande. Duas, três deu grande ainda. O pessoal caiu. Agora dá bem menos gente. Nem um terço que deu naquela época. agora faz mais festa comunitária. Não é feita a publicação pra fora. Aquela divulgação.¹⁴⁴

José Medeiros demonstra tristeza em comparar as festas atuais com a primeira, pois a Festa da Paz e da Fraternidade ou Festa do *Tio marcos* é o maior evento da comunidade¹⁴⁵ e se essa memória não for preservada, segundo ele, será uma perda de uma parte da história de Santa Teresa e São Pedro de Alcântara. Este sentimento de perda de identidade pode ser entendido pela descaracterização que a Festa sofreu ao longo dos seus trinta anos.

Importante dizer que a festa ficou conhecida na região, por ser bem atípica. Como todo evento, sofreu várias alterações nestas últimas três décadas, viveu momentos de glórias como de fracasso. Sendo que o declínio na última década foi enorme, chegando ao ponto de em 2015 não haver festividade devido a falta de um simples alvará dos bombeiros. Para

¹⁴³ STAHELIN, Amarildo Nazareno. Entrevista concedida a Helio Samuel de Medeiros, em 06 de out. de 2018. Acervo pessoal. 07.

¹⁴⁴ ZIMMERMANN, Bertolino, *Op. Cit.*, 09.

¹⁴⁵ MEDEIROS, José. *Op. Cit.*, 09.

Amarildo, a falta da documentação acrescida à dificuldade de conquistar novos festeiros fez com que em 2015 não houvesse a Festa¹⁴⁶.

Segundo Elisabete, em 1988 não houve evento na Grande Florianópolis que se comparasse a inauguração do Santuário e a Festa da Paz e da Fraternidade ou a Festa do *Tio Marcos*¹⁴⁷. A programação no ano de 1988 para lembrar e comemorar a Abolição da Escravatura, como pode ser observado (Fig. 25), foi bem diversificada, pois entre os dias 13 de maio e 15 de maio de 1988 houve vários eventos nos municípios de Florianópolis e São José. Missas reflexivas, procissões, exposições, hasteamento da bandeira da paz, entre outros. Mas podemos analisar que em sua grande maioria esses eventos eram ligados a Igreja Católica, ou seja, ao momento que a Igreja estava atravessando como debatido anteriormente neste trabalho.

Imagem 05 - Programação do Centenário da Grande Florianópolis

Programação para Centenário da Abolição		
FLORIANÓPOLIS		
Dia 13/05/88		
18h — Missa reflexiva na Igreja Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, na rua Marechal Guilherme, com o celebrante padre Edgard de Oliveira.		
19h — Procissão de São Benedito, da Igreja Nossa Senhora do Rosário e São Benedito até o largo da Catedral Metropolitana, centro da capital.		
19h30min — Ato de reflexão no Largo da catedral, com a participação de entidades religiosas e representantes das comunidades negras.	12.62	
20h30min — Ladainha de todos os santos, na Igreja Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, com o celebrante padre Edgard de Oliveira.		
21h — Abertura da Exposição Escravidão, Abolição, Religião e Resistência, no Museu Histórico de		
		Santa Catarina. A promoção da festividade é da Irmandade Beneficente de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, do Coral Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, Museu Histórico de Santa Catarina (Fundação Catarinense de Cultura), Fundação Franklin Cascaes e Prefeitura Municipal de Florianópolis.
		SÃO JOSÉ
		Dia 13/05/88
		6h — Alvorada de 21 tiros, com a Banda da Polícia Militar e a Banda União Josefense.
		9h30min — Missa solene com a consagração do Santuário em Honra do Senhor Bom Jesus da Santa Cruz, pelo arcebispo metropolitano Dom Afonso Niehues.
		14h — Apresentação do coral de crianças.
		16h45min — Hasteamento da Bandeira da Paz com o canto do Hino da Paz, com a presença dos prefeitos do estado.
		Inauguração do monumento em homenagem de todos os escravos.
		20h — Show de artistas, com pagodes e destaques das escolas de samba.
		Dia 14/05/88
		6h — Alvorada de 21 tiros.
		10h — Santa Missa pelas almas de todos os escravos.
		14h — Apresentação de conjuntos de músicas regionais.
		17h — Missa campal em honra de Senhora Rainha da Paz.
		20h — Concentração popular e shows de grupos afro-brasileiros
		22h — Danças típicas ao ar livre.
		Dia 15/05/88
		6h — Alvorada de 21 tiros.
		8h — Santa Missa em Ação de Graças na intenção de todos os benfeitores, como o escravo Marcos Manoel Vieira.
		14h — Show de samba para as crianças ao ar livre.
		17h — Tarde dançante ao ar livre.
		20h — Encerramento da festa com a queima de fogos de artifícios.

Fonte: O Jornal "O Estado", do dia 13 de maio de 1988. Disponível: Biblioteca Estadual de Santa Catarina

Segundo a entrevista Elisabete, havia também na época discussões sobre a questão racial e vários grupos contribuíram para a construção da Festa como, por exemplo, Pastoral do Negro, Movimento de Mulheres Negras, o Movimento Negro Unificado (MMU) e o Núcleo de Estudo Negro (NEN), o que demonstra engajamentos de lideranças da causa negra com o

¹⁴⁶ A STAHELIN, Amarildo Nazareno. *Op. Cit.*, p. 06.

¹⁴⁷ FARIAS, Elisabete Cecília, FARIAS, Elizio José e FARIAS, Maria de Lourdes, *Op. Cit.*, p. 20.

evento.¹⁴⁸ Porém é importante dizer que, tanto MNU, quanto NEM, faziam e fazem fortes críticas em relação à comemoração do dia 13 de maio por ser considerado uma data de simbolismo para os negros. Segundo padre Antônio Aparecido da Silva, Coordenador dos Agentes da Pastoral Negra de São Paulo, o "(...) negro ainda busca cidadania (...)". Ele destaca ainda que a consciência negra cresceu com a criação do MNU. O NEM que possuía a idéia de não comemorar a data, nesse período também organizou atos de protestos com o objetivo de despertar a consciência Negra. Lino Peres, membro do NEM, no jornal "O Estado" do dia 13 de maio, fala do debate que o NEM fazia: "Precisamos resgatar a história real do país, suas raízes, já que o que é divulgado é mentiroso".¹⁴⁹ Ainda segundo Eliete, o MNU e NEM apoiaram a ideia de fazer uma festa em homenagem a um ex-escravo. Mas não deixaram de fazer suas críticas ao simbolismo do dia 13 de Maio.

A forte resistência se nota nos jornais deste período, já que, davam destaque ao fato de não ter havido comemoração em algumas cidades, com foco em Salvador, que comemorou com apenas uma missa. A comunidade negra também não comemorou, ao contrário, fez atos de protestos¹⁵⁰. Para ambos a data a ser comemorada é 20 de novembro, intitulada dia da Consciência Negra, pois desde a década de 1970, vários movimentos negros começaram a reivindicar Zumbi dos Palmares¹⁵¹ que havia morrido no dia 20 de novembro como símbolo da resistência negra no Brasil.

Após a Festa de 1988, segundo Eliete, houve um encontro racial com apresentação cultural e participação de lideranças do norte e do sul do estado e que para ela contribuiu para a divulgação da Festa em várias esferas¹⁵². Vale ressaltar que no centenário de aniversário de Antonieta de Barros, a entrevistada Eliete aproveitou para fazer um trabalho de divulgação da história de *Tio Marcos* e da Festa da Paz e Fraternidade dentro das instituições de ensino. A divulgação nacional se deu quando a mesma participou em Brasília do Congresso Nacional da Questão Racial. Neste fórum, a história de *Tio Marcos* juntamente com a história de Antonieta de Barros ganharam mais um destaque. A curiosidade em conhecer o local e a festa de *Tio Marcos* despertou um grande interesse dos participantes. Através do governo do estado catarinense, a entrevistada Eliete também participou do Congresso Mundial da Questão Racial na África do Sul, para o qual foi convidada a expor a história de vida de *Tio Marcos*

¹⁴⁸ *Idem*, p. 20.

¹⁴⁹ O jornal O Estado, p. 02.

¹⁵⁰ Slide 75/76/77/78

¹⁵¹ Zumbi foi líder de um dos maiores quilombos existente no Brasil, uma comunidade formada por escravos que fugiam das fazendas da região e que procuravam viver em liberdade. Zumbi é considerado um dos maiores líderes da história do Brasil e símbolo da resistência contra a escravidão.

¹⁵² ROSA, Eliete Maria. *Op. Cit.*, p. 05.

juntamente com mais duas personalidades catarinenses, Antonieta de Barros e Cruz e Souza. Os elogios vieram, assim como o desejo de vários congressistas de conhecer a história de *Tio Marcos*. Eliete utilizou-se dos espaços para construir a memória da Festa. Por ser uma mulher negra, Eliete, teve a oportunidade de promover o reconhecimento das personalidades negras e demonstrar que no estado catarinense também há outras etnias e sua importância nessa comunidade.

Apesar da divulgação da Festa a nível nacional e internacional, não foi o suficiente para que a mesma ficasse em evidência nos anos posteriores. Para Eliete, a Festa tem perdido um pouco do brilho por causa da poucas atrações no evento e também a falta de comprometimento, principalmente dos negros da comunidade. Outro motivo, segundo Eliete e Elisabete, seria a falta de interesse dos sacerdotes que sucederam Frei Ático e a falta de ênfase da figura do *Tio Marcos*.

A entrevistada Eliete, acredita que as festas iniciais com todas as dificuldades foram maiores, resultado do empenho dos organizadores e voluntários, visão comungada por antigos festeiros. Recorda ainda a data da Festa era no segundo domingo de maio para manter aproximação com o dia 13 de maio, dia da abolição da escravidão atraía mais festeiros, porém, a data foi alterada para o terceiro domingo de maio com a justificativa de que havia um choque de datas com o dia das mães. Elisabete vai mais à fundo em suas ponderações. Segundo a entrevistada, um grupo de religiosos deseja afastar e esconder a figura de *Tio Marcos* da festa, assim como foi feita no município Águas Mornas, com a Nossa Senhora Negra, que substituíram pela Festa do Bom Jesus. Vale lembrar que a Igreja Católica possui várias tendências, entre elas uma ala conservadora que na década de 1980 não aceitava a figura negra como representante da fé católica.

Apesar das dificuldades criadas, a família Farias, Maria de Lourdes, Elisabete Cecília, Elizio José e Eliete Maria Rosa que participaram como festeiros desde o início da Festa em 1988 e até os dias de hoje continuam fazendo parte da organização, tendo como responsabilidade a decoração da Festa e vão mais além, reproduzindo e distribuindo material que objetiva mostrar os motivos da construção do Santuário e os 30 anos da Festa. Dona Lourdes se preocupa em convidar negros para que se mantenha a tradição da Festa e se possível se tornar festeiros. Dona Lourdes completa seu pensamento referendando a necessidade de manter um número expressivo de negros na festa: “Aí Negro não pode deixar

de convidar. Sendo parente ou não. Eu vou ajudar o fulano. Ela vai ficar de festeiro e vai ajudar. O preto vai crescendo."¹⁵³

Conforme destacado pelas falas da Dona Lourdes e da Elisabete, a estratégia de envolver mais afro descendente na organização da Festa, pode ser observado como um meio de afirmação e pertencimento.

É perceptivo os esforços da família Farias de manter a presença e participação de negros na Festa. Além de convidar novos festeiros, preferencialmente negros, produziram material a parte para divulgar o evento (Fig. 24). A importância desse material se dá por ser feito com recursos próprios. Como pode ser observado pelo material, a família Farias desejava demonstrar o motivo da construção do Santuário e como era a vida do *Tio Marcos* e como ele foi utilizado como personagem da Festa. Ou seja, principalmente demonstrar sua importância para a comunidade negra.

Figura 22 - Motivo da construção do Santuário do Bom Jesus da Santa Cruz



Fonte: foto do autor - 06 de outubro de 2018

O intuito da inauguração do Santuário e a inclusão de um personagem que era escravo como objeto de veneração em pleno centenário da abolição da escravatura, a meu ver,

¹⁵³ FARIAS, Elisabete Cecília, FARIAS, Elizio José e FARIAS, Maria de Lourdes, *Op. Cit.*, p. 18.

uniu os festejos que acontecia em vários lugares do Brasil sobre abolição. Uma maneira de atrair olhares para que a Festa fosse um grande sucesso.

Figura 23 - Salão da Festa em 2018



Fonte: foto do autor - 21 de maio de 2018

Imagem 06 - Cartaz da Festa de 2018



Fonte: foto do autor - em 2018

Como descrito anteriormente, participei de algumas Festas da Paz e da Fraternidade ou Festa do *Tio Marcos* (Fig. de 25), porém a Festa que comemorou os 30 anos de existência foi de alguma forma diferenciada e marcante, pois tive a oportunidade de participar como festeiro (Fig. 26 e 27) e obter mais conhecimentos de toda a organização da Festa. Confesso que me envolvi ainda mais com o meu objeto de pesquisa. Percebi as dificuldades de obter recursos financeiros e as buscas de atrações e entendi com mais profundidade todo o esforço e dedicação do Frei Ático e dos primeiros festeiros. Percebi também as dificuldades da comunidade de São Pedro de Alcântara, dos colaboradores que não moram na localidade, pessoas como a família Farias para manter viva a tradição da Festa. A escassez de recursos, principalmente financeiro, os pedidos de brindes (Imag. 07) para as diversas atrações e como é baixa a lucratividade do evento, fato que compromete a continuidade desse evento. Consegui contribuir para animar a Festa com a atração da Velha Guarda da Escola de Samba Coloninha (Fig. 24) do Bairro Estreito, no município de Florianópolis, que abrilhantou o evento com sua simplicidade. Apesar das dificuldades para organizar festa posso concluir que as tradições não são práticas ingênuas e espontâneas, mas práticas construídas por meio de escolhas, negociações e muitas vezes conflitos, demonstrado neste trabalho.

Imagem 07 - Solicitação de brinde



Fonte: foto do autor – em 2018

Figura 24 - Velha Guarda da Escola de Samba Coloninha



Fonte: foto do autor – 21 de maio de 2018

Figura 25 - Família Medeiros



Fonte: foto do autor - 26 de maio de 2013

Figura 26 - Família Medeiros e amigos ao lado da estátua do *Tio Marcos*



Fonte: foto do autor - 21 de maio de 2018

Figura 27 - Família Medeiros e amigos no salão da Festa



Fonte: foto do autor - 21 de maio de 2018

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que procurou se desvelar nesse trabalho foi o processo de memória construída pelas fontes orais acerca da Festa da Paz e Fraternidade ou Festa do *Tio Marcos* no município de São Pedro de Alcântara, lugar este com fortes tradições germânicas no qual emerge um homem negro, ex-escravo como personagem principal dessa Festa e uma figura até os dias de atuais, amada e respeitada pela comunidade.

A história do *Tio Marcos* começou quando o mesmo era escravo e sofreu diversas formas de cerceamento de sua liberdade, mas sua fé o colocava sempre uma esperança para garantir livrar das agruras da escravatura. Desse modo, procurei demonstrar que o *Tio Marcos* foi sendo construído pela comunidade por meio de representações de bondade e fé, para isso, através de fontes escritas e orais, procurei iluminar e analisar os personagens que participaram desses momentos como o Frei Ático e os festeiros da festa.

O resultado dessa pesquisa de TCC foi apresentado de forma cronológica com a apresentação do local da festa, São Pedro de Alcântara, e os locais de Santa Teresa e Vila Abissínia e Morro do Quilombo. O presente trabalho de pesquisa atingiu seu objetivo, pois se apresentou algumas considerações acerca do surgimento da comunidade de São Pedro de Alcântara, o município fundado em 1º de março de 1829, a princípio era uma colônia povoada por imigrantes oriundos das regiões de *Hunsruch* e *Eifel*, sudeste da Alemanha. Mesmo sendo a primeira colônia de alemães do estado de Santa Catarina, o município de São Pedro de Alcântara, também recebeu outras etnias entre elas pessoas escravizadas, estes em pequeno número, mesmo assim, parte importante da comunidade.

Foi pesquisado as construções das memórias dos festeiros, como eles viam as iniciativas do Frei Ático para transformar essa festa num grande evento e principalmente transformar o *Tio Marcos* como a figura central. Não foi fácil, pois a memória traz muitas questões que devem ser ampliadas com as poucas bibliografias a respeito do assunto e como esses materiais foram pouco explorados pelos pesquisadores, foi preciso confiar nessas memórias e extrair o máximo e produzir a diversidades dos sujeitos.

Para ter um recorte, elegi o ano de 1988 como ponto de partida para minha pesquisa. Nesse ano, além do início da Festa da Paz e da Fraternidade ou *Tio Marcos*, houve a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, CNBB lança a Campanha da Fraternidade com o tema: A Fraternidade e o Negro, no Centenário da Abolição da Escravatura, ou seja, a Igreja Católica evidenciou a questão negra. O Frei Ático estava conectado com essa nova postura da

Igreja Católica, e utilizando essa campanha, inaugurou o Santuário Bom Jesus da Santa Cruz e organizou a Festa da Paz e Fraternidade ou Festa do *Tio Marcos*, no dia 13 de maio de 1988, juntamente com a inauguração do Santuário, que apresenta até hoje fortes laços com a cultura negra.

No tocante ao objetivo geral do trabalho, analisar a Festa da Paz e da Fraternidade ou Festa do *Tio Marcos*, descrevo sobre o *Tio Marcos* como ator social, sua importância e sua liderança na comunidade alcantareense. A primeira festa iniciou-se com um grandioso evento que teve duração de 03 dias, 13, 14 e 15 de maio de 1988 e segundo depoimentos coletados foi à única que teve esta duração, pois as festas posteriores geralmente duraram no máximo 02 dias. Como a primeira Festa foi mais estendida, houve a necessidade de envolver um número maior de participantes. Segundo Bertolino, a pedido do Frei Ático, participaram pessoas de fora da comunidade, parentes do padre que moravam no Sul do estado catarinense, entre outras, principalmente afrodescendentes de várias comunidades, o que chamou a atenção dos moradores de Santa Teresa. Memória sobre os afrodescendentes na década 1980, onde a cultura negra estava em alta, mas alguns locais como São Pedro de Alcântara essa lógica não é aplicada, ou aplicada de forma diferente

A festa da Paz e Fraternidade ou Festa do *Tio Marcos* no ano de 2018 completou 30 anos de uma parceria com a comunidade que mantém viva a importância de um evento de sincronia e valorização dos povos. A primeira Festa orquestrada pelo Frei Francisco Ático Engy, emergiu o principal personagem chamado *Tio Marcos*, um ex-escravo, além da comemoração do centenário da abolição da escravatura (1888) e da construção do Santuário do Bom Jesus.

Evidentemente, essa pesquisa não abarca toda a história do *Tio Marcos* e como ele foi transformando num personagem importante da comunidade de São Pedro de Alcântara, mas procurei contribuir com algumas questões como a memória, cultura que podem ser mescladas para originar outras pesquisas com a mesma relevância.

Sabe-se que o Brasil e os brasileiros, apesar de apresentar uma negação forte, é um país ainda racista e segregador, por isso, é importante frisar que alguns lugares esse ponto pode ser ultrapassado, ou pelos menos absorvido e visto de maneira diferente e como algo da própria comunidade.

REFERÊNCIAS

- ABREU, M. C. **Festas e Cultura Popular na Formação do Povo Brasileiro**. Revista Projeto História, PUC/SP - São Paulo, n.16, p. 143-167, 1998.
- ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Editora Contexto, 2ª ed, 2010.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **Festas para que te quero**: por uma historiografia do festejar. Patrimônio e Memória (UNESP), v. 07, p. 134-150, 2011.
- Alemanha, - Recorrendo São Pedro de Alcântara/SC**. 2012. Disponível em: <http://www.turismodaquiparaomundo.com.br/2012/10/conheca-um-pedacinho-da-alemanha.html>. Acesso: 05 mar. 2017.
- ANDRADE, Djanira Maria Martins de. **O Escravo Marcos Manuel Vieira e o Santuário do Bom Jesus da Santa Cruz**. Prefeitura Municipal de São José, 1988.
- ANDRADE, Djanira Maria Martins. Entrevista -07/07/1981. In: RITTA, Wanda. **Invisibilidade negra em São Pedro de Alcântara (1880-1889)**. 2003. 69 f. Monografia (Especialização) - Curso de História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003. Cap. 8.
- APPOLINÁRIO, Fabio. **Dicionário de metodologia científica**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2011.
- ARQUIDIOCESE DE FLORIANÓPOLIS. **Procissão do Senhor Jesus dos Passos**. Disponível em: <http://arquiFln.org.br/festas-e-procissoes/procissao-do-senhor-dos-passos/>. Acesso em: 28 de jun. 2018.
- ARQUIVOS DE CULTURA CONTEMPORÂNEA. **Perspectiva pastorais**. Disponível em: http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=Arq_Cultura&PagFis=5952. Acesso em: 09 de jan. de 2019, slide 24.
- _____. **CNBB lembra a dor do negro ao abrir campanha**. Disponível em: http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=Arq_Cultura&PagFis=5952. Acesso em: 09 de jan. de 2019, slide 38.
- BAPTISTA, Ronaldo Pimentel. **Da Pastoral Afro-Brasileira à Campanha da Fraternidade de 1988**: uma Análise Discursiva das Questões Raciais ao interior da Igreja Católica. 2014. Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de Pós-Graduação em Relações Étnico-raciais do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, CEFET/RJ. Rio de Janeiro, 2014, p.37. Disponível em: <http://www.cnbb.org.br/a-caminhada-da-pastoral-afro-brasileira-2/>. Acesso em: 28 de mai. 2019.
- BARROS, Jose D'assunção de. História, região e espacialidade. **Revista de História Regional**, Ponta Grossa, n. 10 (1), p.95-129, Verão, 2005 (Publicado em 2006). Semestral.
- BARTH, Fredrik, 1969, Apud POUTIGNAT, Philippe e STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade**. São Paulo: UNESP, 1998.

BERNARDES, Laura Nina. **Guia de viagem das festas populares**: a defesa de um conceito. 2006. 118f. Monografia de conclusão do curso de Comunicação Social, habilitação em Produção Editorial da ECO/UFRJ. Rio de Janeiro, 2006.

BLOCH, Marc. **Apologia a História ou o Ofício do Historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BRUGGEMANN, Adelson André. **A sentinela isolada**: O cotidiano da colônia militar de Santa Thereza (1854-1883). Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em História, do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2013.

BUSS, Maria Dolores; SCHEIBE, Luís F. e FURTADO, Sandra M. A. **São Pedro de Alcântara**: paisagem e rupturas. Geosul, v. 17, n. 34, 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/viewFile/13746/12604>. Acesso em: Acesso em 02 mar. 2017.

CAMINHOS DA IMIGRAÇÃO ALEMÃ. **Tradição Maibaum**. 2013. Disponível em: <http://www.caminhosdaimigracaoalema.com.br/noticia/87/tradicao-maibaum>. Acesso em: 12 de dez. 2018.

CARVALHO, José Murilo de. Tiradentes: Um herói para a República. *In*: C CARVALHO, José Murilo de. **A formação das Almas**: O imaginário da Republica no Brasil. 2ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

CARVALHO, Mariza Ortiz. **Conheça um pedacinho da Alemanha: Recorrendo São Pedro de Alcântara/SC**. 24 de out. 2012. Disponível em: <http://www.turismodaquiparaomundo.com.br/2012/10/conheca-um-pedacinho-da-alemanha.html>. Acesso em: 02 mar. 2017.

COELHO, Maria Lausa Santana, 74 anos. Entrevista realizada no dia 14 de janeiro de 2009, Centro, São Pedro de Alcântara. *In*: HOFFMANN, Priscila Catarina. **Negros de São Pedro**: Experiências das populações de origem Africana no pós-abolição em São Pedro de Alcântara. Florianópolis, 2009.

CORRÊA, Luiz Nilton. **Festa do Divino Espírito Santo**: um estudo sobre as festas do espírito santo em Portugal. Anais eletrônicos do XVI Congresso Brasileiro de Folclore – UFSC, Florianópolis, 14 e 18 de outubro de 2013. Disponível em: <http://www.labpac.faed.udesc.br/palestra%20prof%20luiz%20nilton%20correa.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2017.

COSTA, Antônio Maurício Dias da. **Festa de santo na cidade**: notas sobre uma pesquisa etnográfica na perícia de Belém, Pará, Brasil. Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum. Belém, v.6, n. 1, p. 197-216, jan.-abr. 2011.

COSTA, Warley. **Escravidão africana**: imagens nos livros didáticos e produção de identidade. In. XIV Endipe. Porto Alegre, 2008.

COUTO, Edilece S. **Devoções, festas e ritos**: algumas considerações. Revista Brasileira de História das Religiões, v. 1, p. 1-10, 2008.

DIAS, Edilene Gonçalves do Nascimento. **O Espaço sagrado de Santa Cruz dos Milagres**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em História do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, 2013.

FELICIO, Tomaz e PEREIRA, Lídia, entrevista concedida a Prof^a Djanira Maria Martins de Andrade e Frei Ático, em 07/07/81. *In*. ANDRADE, Djanira Maria Martins de. **O Escravo Marcos Manuel Vieira e o Santuário do Bom Jesus da Santa Cruz**. Prefeitura Municipal de São José, 1988.

FERREIRA, Marieta de M. e AMADO, Janaína (Org.). **Usos e abusos da História Oral**. 8ª edição. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2006.

FREITAS, Ernani Cesar de e PRODANOV, Cristiano. **Metodologia do trabalho científico**. 2 ed. Novo Hamburgo (RS): Feevale, 2013, p. 51.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GOMES, Flávio dos Santos. **Mocambos e Quilombos**: uma história do campesinato negro no Brasil (agenda brasileira). eBook kindle. São Paulo: Claroenigma, 2015.

GUARINELLO, Norberto Luiz. Festa, trabalho e cotidiano. *In*: JANCSÓ, István; KANTOR, Irís (Org.). **Festa**: Cultura e sociabilidade na América portuguesa. São Paulo: Edusp/Imprensa Oficial. Vol. II, p. 969-972, 1999.

HISTÓRIA: **Conheça São Pedro de Alcântara**. Recanto das Pedras. Disponível em: <http://www.recantodaspedras.com.br/servicos/historia>. Acesso: 18 de jun. 2018.

HOFFMANN, Priscila Catarina. **Negros de São Pedro**: Experiências das populações de origem Africana no pós-abolição em São Pedro de Alcântara. Florianópolis, 2009.

JÚNIOR, João Junks e JUNKS, Apolônia O., entrevista concedida a Prof^a Djanira Maria Martins de Andrade e Frei Ático, em 07/07/81. *In*. ANDRADE, Djanira Maria Martins de. **Vida do ex-escravo “Marcos Manuel Vieira – Tio Marco”**. Laboratório de História Oral – LHO.

LAVEZZO, Catarina de Queiroz. **“As festas do Império”**: a organização da cidade para os dias festivos. 2003. 50f. Monografia apresentada ao Curso de História da Universidade Federal de Ouro Preto. Mariana, 2003.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas (SP): Editora Unicamp, 2003.

LEITE, Ilka Boaventura. Descendentes de Africanos em Santa Catarina: invisibilidade Histórica e segregação. *In*: LEITE, Ilka B. (org.). **Negros no Sul do Brasil**. Florianópolis, Letras Contemporânea, 1996.

LIBANIO, João Batista. Concílio Vaticano II: Em busca de uma primeira compreensão. São Paulo: Editora Loyola, 2005.

LITERAFRO. **O portal da literatura afro-brasileira**. Cruz e Souza. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autores/206-cruz-e-sousa>. Acesso em: 10 de Nov. 2018.

LÖWY, Michel. “**A contrapelo**”. A concepção dialética da cultura nas teses de Walter Benjamin (1940)”. *Lutas Sociais*, São Paulo, n. 25/26, 2º sem. de 2010 e 1º, sem. de 2011, 20-28, p. 21.

MARTINS, Patrícia Vieira. **Hanseníase, exclusão e preconceito: histórias de vida de mulheres em Santa Catarina**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Saúde Pública da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2008

MATHIAS, Letícia. **Monumento em São Pedro de Alcântara homenageia escravo negro na primeira colônia alemã do Estado**. *Notícia do Dia*, Florianópolis, 24 de nov. 2014. Disponível em: <https://ndonline.com.br/noticias/monumento-em-sao-pedro-de-alcantara-homenageia-ex-escravo-negro-na-primeira-colonia-alema-do-estad/>. Acesso em: 01 de fev. 2019.

MATOS, Júlia. A perspectiva histórica: condições, perspectivas e a formação profissional do historiador. Disponível em: <http://www.uab.furg.br/course/view.php?id=1085>. Acesso em: 23 jun. 2016.

MATOS, Maria Izilda S de e SOIHET, Rachel (Org.). **O Corpo Feminino em Debate**. 1. ed. São Paulo: UNESP, 2003. v. 1. p.221.

MATTOS, Hebe e ABREU, Martha. **Festas, patrimônio cultural e identidade negra. Rio de Janeiro, 1888 ?**, 2011. *Artelogie (Online)*, v. 4, p. 178, 2013.

MERÇON, José Waldir. **São Pedro de Alcântara Padroeiro Principal do Brasil desde 1826**. Brasília: Artes Gráficas e Editora Ltda, 1995.

O NEGRO na campanha da Igreja. **O ESTADO DE SÃO PAULO**. 28 de fev. 1988. Disponível em: http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=Arq_Cultura&PagFis=8480&Pesq=santu%C3%A1rio%20bom%20jesus. Acesso em: 09 de mai. 2019, slide 17.

PAIVA, Arcipreste Joaquim Gomes de Oliveira. **Colonização Allemã de São Pedro de Alcântara: Comemoração do Centenario da Colinização alemã de Santa Catarina (1829 – 1929)**. Disponível em: http://www.bu.ufsc.br/projeto_obras_raras/84434.pdf. Acesso em: 05 mar. 2017.

PENNA, Clemente Gentil. **Escravidão, Liberdade e os Arranjos de trabalho na Ilha de Santa Catarina nas últimas décadas de escravidão (1850-1888)**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em História do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2005.

PINHEIRO, José Maurício dos Santos. **Da iniciação científica ao TCC**. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2010.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO PEDRO DE ALCÂNTARA. **Dados Gerais e Localização**. Publicado em 17 de nov. 2014. Disponível em: <https://www.pmspa.sc.gov.br/cms/pagina/ver/codMapaItem/50038>. Acesso em: 02 mar. 2017.

_____. **História da Colonização: Como tudo começou**. Publicado em 13 de nov. 2014. Disponível em: <http://www.pmspa.sc.gov.br/cms/pagina/ver/codMapaItem/48079>. Acesso em: 02 mar. 2017.

RIBEIRO, Darci. **O povo brasileiro: A formação e o sentido do Brasil**: Introdução. Companhia das Letras. São Paulo, 1997.

RITTA, Wanda. **Invisibilidade negra em São Pedro de Alcântara (1880-1889)**. 2003. 69 f. Monografia (Especialização) - Curso de História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003. Cap. 8.

RODRIGUES, Maria Lúcia e LIMENA, Maria Margarida Cavalcanti (Orgs.). **Metodologias multidimensionais em Ciências Humanas**. Brasília: Líber Livros, 2006.

SANTA Teresa festeja abolição. **Diário Catarinense**, 14 de mai. de 1988. Disponível em: http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=Arq_Cultura&PagFis=8480&Pesq=santu%C3%A1rio%20bom%20jesus. Acesso em: 09 de mai. 2019.

SCHMITT, Elzeário. **O ESTADO DE SANTA CATARINA**. Santa Catarina, 20 de mai. de 1988.

SCHMITT, Donato e Apolonia entrevista concedida a Prof^a Djanira Maria Martins de Andrade e Frei Ático, em 07/07/81. In. ANDRADE, Djanira Maria Martins de. **O Escravo Marcos Manuel Vieira e o Santuário do Bom Jesus da Santa Cruz**. Prefeitura Municipal de São José, 1988.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Cintia Tuler e OTTO, Clarícia. **Memórias do Cotidiano Escolar**: Encontros e Desencontros entre negros e alemães em São Pedro de Alcântara, SC. Fazendo Gênero 9, 23 e 26 de agosto de 2010.

SILVA, Jaime José dos Santos. **A dança do Cacumbi**: novo olhar sobre as festas afro-brasileiras e as vivências do pós-emancipação em Santa Catarina. In: VI Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional, 2013, Florianópolis. Anais do VI Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional, 2013.

_____. **As festas do tempo da escravidão em Santa Catarina**: lembranças e aspirações em torno da devoção a Nossa Senhora do Rosário. In: XXVII Simpósio Nacional de História: Conhecimento histórico e diálogo social / ANPUH-Brasil, 2013, Natal. Anais eletrônicos. São Paulo: Associação Nacional de História - ANPUH/Brasil, 2013. v. 1. p. 2-17.

_____. Entre a Diversão e as Proibições: as Festas de Escravos e Libertos na Ilha de Santa Catarina. In: MAMIGONAN, B. G.; VIDAL, J. Z.. (Org.). **História Diversa**: Africanos e Afrodescendentes na Ilha de Santa Catarina. 1ed. Florianópolis: Editora UFSC, 2013, v. 1, p. 109-130.

SILVA, Janaina Amorim da. **Tramas cotidianas dos afrodescendentes em São José no pós-abolição**. 2011. 102f. Trabalho de Conclusão do Curso (Mestrado). Dissertação apresentada ao curso de Mestrado em História. Florianópolis, 2011.

SOIHET, Rachel. A sensualidade em festa: representações do corpo feminino nas festas populares no Rio de Janeiro na virada do século XIX para XX. In: Rachel Soihet; Maria Izilda S. de Matos. (Org.). **O Corpo Feminino em Debate**. 1ed. São Paulo: UNESP, 2003, v. 1, p. 177-197.

SOUZA, Ney. Contexto e desenvolvimento histórico do Concílio Vaticano II. *In*: Paulo Sergio Lopes Gonçalves; Vera Ivanise Bombonato. (Org.). **Concílio Vaticano II Análise e perspectivas**. São Paulo: paulinas, 2004, v., p. 17-67.

SOUZA, Tiago Manoel de, 96 anos. Entrevista realizada no dia 09 de Fevereiro de 2009, Santa Tereza, São Pedro de Alcântara. *In*. HOFFMANN, Priscila Catarina. **Negros de São Pedro**: Experiências das populações de origem Africana no pós-abolição em São Pedro de Alcântara. Florianópolis, 2009.

VIEIRA, Maculina e STAHELINN, Maria, entrevista concedida a Profª Djanira Maria Martins de Andrade e Frei Ático, em 07/07/81. *In*. ANDRADE, Djanira Maria Martins de. **O Escravo Marcos Manuel Vieira e o Santuário do Bom Jesus da Santa Cruz**. Prefeitura Municipal de São José, 1988.

FONTES

1.1. Fontes Oraís

FARIAS, Elisabete Cecília, FARIAS, Elizio José e FARIAS, Maria de Lourdes. **Entrevista concedida a Hélio Samuel de Medeiros**, em 03 de out. de 2018. Acervo pessoal.

MEDEIROS, José. **Entrevista concedida a Hélio Samuel de Medeiros**, em 06 de out. de 2018. Acervo pessoal.

ROSA, Eliete Maria. **Entrevista concedida a Hélio Samuel de Medeiros**, em 24 de set. de 2017. Acervo pessoal.

STAHELIN, Amarildo Nazareno. **Entrevista concedida a Hélio Samuel de Medeiros**, em 06 de out. de 2018. Acervo pessoal.

ZIMMERMANN, Bertolino. **Entrevista concedida a Hélio Samuel de Medeiros**, em 06 de out. de 2018. Acervo pessoal.

1.2. Fontes escritas

ANDRADE, Djanira Maria Martins de. **O Escravo Marcos Manuel Vieira e o Santuário do Bom Jesus da Santa Cruz**. Prefeitura Municipal de São José, 1988;

HOFFMANN, Priscila Catarina. **Negros de São Pedro**: Experiências das populações de origem Africana no pós-abolição em São Pedro de Alcântara. Florianópolis, 2009;

NEOTTI, Frei Clarêncio. **Frei Ático Francisco Eyng, O. F. M.** Revista Vida Franciscana, São Paulo, Editora Província Franciscana da Imaculad Conceição, Ano LIII, nº 70, p. 169-190, p. 187.

1.3. Jornais

O Estado de Santa Catarina

Diário Catarinense